

DES<IO

Revista Desvio / Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 4, n. 3 (Edição Especial Junho de 2013: Cinco anos depois) (2019)-. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

Semestral
ISSN: 2526-0405

1. Revista publicada por alunos da Escola de Belas Artes da
2. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2. Arte, memória
3. e patrimônio. I. Revista Desvio. II. Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. II. UFRJ.

CDD: 700

Publicação Semestral de alunos e ex-alunos da
Escola de Belas Artes – UFRJ

Ano 4, Nº 3 Junho de 2019

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ

Reitor

Roberto Leher

Vice-reitora

Denise Fernandes Lopez Nascimento

Pró-Reitoria de Graduação – PR1

Eduardo Gonçalves Serra

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PR2

Leila Rodrigues da Silva

Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento – PR3

Roberto Antônio Gambine Moreira

Pró-Reitoria de Pessoal – PR4

Agnaldo Fernandes

Pró-Reitoria de Extensão – PR5

Maria Mello de Malta

Pró-Reitora de Gestão e Governança – PR6

André Esteves da Silva

Pró-Reitora de Políticas Estudantis – PR7

Luiz Felipe Cavalcanti (Superintendente Geral de Políticas Estudantis)

ESCOLA DE BELAS ARTES

Diretora

Madalena Ribeiro Grimaldi

Vice-diretor

Hugo Borges Backx

DES<IO

Publicação Semestral de alunos e ex-alunos da Escola de Belas Artes – UFRJ
Ano 4, Nº 3 (Edição Especial Junho de 2013: Cinco anos depois)– Abril de
2019



Diretora Geral
Daniele Machado



Diretora Executiva
Gabriela Lúcio



Diretora de Arte
Carine Caz



Diretor de Conteúdo
João Paulo Ovidio



Produtora de Conteúdo
Marcela Tavares



Produtora de Conteúdo
Ana Elisa Azevedo



**Colaboradora
Temporária**
Fernanda Correa



**Colaboradora
Temporária**
Alice Ferraro



**Colaboradora
Temporária**
Natalia Candido



**Colaborador
Temporário**
Lucas Alberto



**Colaboradora
Temporária**
Isadora Romantini

CRÉDITOS

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Prefeito

Marcelo Crivella

Vice Prefeito

Fernando Mac Dowell

Secretária Municipal de Cultura

Nilcemar Nogueira

CENTRO MUNICIPAL DE ARTE HÉLIO OITICICA

Diretora

Alice Alfinito

Curadora

Daniele Machado

Produtora

Ana Hortides

Arte-educação

Camila Vieira

Comunicação e Design

Leonardo Santana

Operacional

Cremilson Oliveira

CRÉDITOS

JUNHO DE 2013: CINCO ANOS DEPOIS

Coordenação e Curadoria Geral

Daniele Machado

Gabriela Lúcio

Co-curadoria

Camila Vieira

João Paulo Ovidio

Letícia Guerra

Marcela Tavares

Thatiana Napolitano

Thiago Fernandes

Produção

Ana Hortides

Ana Pimenta

Design

Carine Caz

Leonardo Santana

Montagem

Cremilson Oliveira

Adriano Henrique

CRÉDITOS

Iluminação

Eduardo Martins

Assessoria de Imprensa

Roberta Mattoso

Fotografia do catálogo

Ximenne Freitas

Fotografia da Capa

Carolina Lopes

SUMÁRIO

**13 JUNHO DE 2013: MOTO-CONTÍNUO 5 ANOS
DEPOIS**

**15 O gigante nunca dormiu? - Antes de 2013 por Gabriela
Lúcio**

Ana Hortides
Guga Ferraz
Atelier Sanitário
Emilia Estrada
Camilla Braga
Pablo Meijueiro

26 O gigante acordou? - Depois de 2013 por Letícia Guerra

Alex Frechette
Tavarez
Marcela Cantuária
Coletivos Seus Putos
Gustavo Speridião
Guga Ferraz

SUMÁRIO

42 Ocupações: modos de ocupar por João Paulo Ovidio

Guga Ferraz
Vô Pixa Pelada
Daniele Machado
Barbara Szaniecki

52 Eram só 20 centavos? por Thiago Fernandes

Carine Caz
Isabelle Cesario
Ad Costa
Thiago Ortiz
Leandro Vieira

61 Vândalos? por Thatiana Napolitano

Cyanogaster Noctivaga
Alice Ferraro
Lohana Beatriz
Aleta Valente
Phillipe Valentim

SUMÁRIO

74 **É festa ou manifestação? - A presença simbólica da mística pagã nas manifestações de rua por Camila Vieira**

Nelson Almeida
Marina Florindo
Luiz Baltar
M.I.A

82 **Contra toda organização – A condenação do Estado e dos partidos por Marcela Tavares**

Cecília Cipriano
Juliana Notari
Jessica Kloosterman
Ivan Grilo

94 **Amar é, A Maré. Amarildo, multidão e arte - RJ 2013 por Barbara Szaniecki**

98 **Participação não celebrativa de 2013 por Graziela Kunsch**

101 **Qual o teu lado? - série Crônicas Suburbanas por Philippe Valentim**

JUNHO DE 2013: MOTO-CONTÍNUO 5 ANOS DEPOIS

No dia 02 de junho de 2018 aconteceu a abertura da exposição Junho de 2013: 5 anos depois, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO). A mostra que estava com encerramento previsto para 11 de agosto foi estendida até 01 de setembro, sendo essa a data que conhecemos atualmente como a véspera do incêndio do Museu Nacional da UFRJ. Um ano se passou desde a abertura da exposição, os questionamentos de ontem são somados aos de hoje. As nossas incertezas não podem se sobrepor às esperanças, o melhor, não podemos nos abater com os percalços dessa caminhada uma vez que a força e união são fundamentais para mantermos a luta contra a opressão.

Quando a ideia da exposição surgiu entre os membros da Revista Desvio, o principal objetivo era construir um balanço geral dos acontecimentos sucessivos às Jornadas de Junho como também uma busca pelos seus antecedentes. Quais foram as motivações responsáveis pela grande adesão do povo às manifestações populares? No período em questão não tínhamos a mínima dimensão de como aquelas ações poderiam reverberar nos próximos anos, alterando a nossa percepção e relação sobre diversas questões. Uma coisa era certa: a multidão estava presente na rua, a revolta e o cansaço estavam ali, a insatisfação foi transformada em luta e se fez presente em todo o país. Ao menos esse sentimento já era claro naquele momento. Com o tempo muito se perdeu, já não se sabia mais pelo quê se lutava. As manifestações que começaram como um protesto pela redução da tarifa do transporte público foi marcada pela violência policial. Não era só pelos 20 centavos, foi o grito que ecoou por diversos estados do Brasil. Em pouco tempo outras pautas surgiram, como os gastos com eventos esportivos internacionais, a Copa do Mundo de 2014 acompanhada do bordão “não vai

ter copa”, bem como os Jogos Olímpicos de 2016 com seus “jogos da exclusão”. Também estava em discussão a má qualidade do serviço público e os esquemas de corrupção política que assolavam, e ainda assolam, o nosso país. A situação culminou em vastas desorganizações de pessoas, instituições e sentimentos.

Foi justamente essas sensações, tão diversas, que as curadoras Daniele Machado e Gabriela Lúcio desejavam transmitir para os visitantes. Para tanto, a própria estrutura do local expositivo foi modificada: todas as janelas e portas das galerias ficaram abertas durante todo o período de exposição, construindo uma relação entre o dentro e o fora, trazendo assim parte da rua para o museu e levando parte do museu para a rua. Os passantes da Rua Luís de Camões com a Travessa Belas Artes conseguiam ver os trabalhos dentro da galeria através das janelas. Os artistas também exploraram o entorno do CMAHO, com intervenções artísticas, saindo do espaço institucional para ocupar a rua. O texto curatorial e os créditos foram escritos em cartolinas com canetas pilot, sendo uma referência aos cartazes das manifestações e ao mesmo tempo uma recusa à plotagem de adesivo. A ocupação não convencional visava justamente aprofundar aquela sensação citada anteriormente.

O antes, o durante e o depois das Jornadas de Junho de 2013 serão abordados aqui através dos textos curatoriais de Camila Vieira, Gabriela Lúcio, João Paulo Ovidio, Letícia Guerra, Marcela Tavares, Thatiana Napolitano e Thiago Fernandes. O gigante nunca dormiu? O gigante nunca dormiu? Ocupar? Vândalos? Eram só vinte centavos? É festa ou manifestação? Contra toda organização. A exposição reuniu trabalhos de artistas, duplas e coletivos, os quais estão presentes no

catálogo desta publicação. As mais diversas manifestações fizeram parte da construção desse cenário caótico, configurando exatamente o que sentíamos.

O aumento das tarifas do transporte público foi barrado em 2013, porém, foi uma vitória provisória, dado que não passou muito tempo até entrar em vigor um novo reajuste de preço. Presenciamos nos últimos anos a proliferação do discurso de ódio contra as minorias, frequentemente acarretando não somente violências verbais, como também físicas. Estamos diante de um aumento brutal de casos de feminicídio, homofobia e racismo. Tais práticas contam com o respaldo de governantes que conquistaram o poder em nosso país recentemente. Se em 2013 as redes sociais contribuíram como fontes de informações seguras frente a postura da mídia golpista, no ano passado, 2018, foi apropriada como palanque da direita fascista, onde foi compartilhada inúmeras calúnias e difamações conhecidas como fake news. Foi necessário retornar às ruas, tanto com a iniciativa do Vira Voto como o Movimento Ele Não. Em tempos difíceis ninguém pode soltar a mão de ninguém, pois é importante nos mantermos juntos.

Uma coisa é certa, tais manifestações foram um marco - positivo ou não. A intensa repercussão midiática, que contribuiu muito para o que se veria a seguir, a desorganização dos atos, que começaram a incorporar discursos controversos e distantes de pautas de lutas. Tantas coisas aconteceram, tudo tão rápido e ainda difícil de digerir. A história terá de dar conta de todos esses fatos, e a nós, cabe o registro, a certeza de que continuamos na luta e que não estamos perdidos nem dispersos. Continuamos na luta pela liberdade de Rafael Braga, pela resolução do caso Amarildo, por respostas sobre quem

mandou matar Marielle Franco e Anderson Gomes e não podemos esquecer a memória de Matheusa - ela vive!

Seguimos na luta, sempre à esquerda!

O gigante nunca dormiu? - Antes de 2013

Segundo Marta Ferreira Santos Farah “a presença ativa da sociedade civil no espaço público não é algo novo no Brasil” (2015), de fato, a população brasileira notoriamente assumiu uma postura atinada no decorrer da história. Pensando em um recorte abrangente, porém contemporâneo, dois eventos em específico destacam-se: as lutas durante o período de Ditadura Militar e as Diretas Já. A ditadura militar foi um período anti-democrático e autoritário, ocorrido entre 1964 e 1989, comandado pelo exército. O regime foi repleto de violências físicas e psicológicas por parte dos militares, culminando na morte e desaparecimento de muitos militantes. Já as Diretas Já foram um movimento civil que reivindicava o direito a eleições diretas, as atividades ocorreram próximo ao final da ditadura militar, entre 1983 e 1984, porém apenas em 1989 foi possível a realização de eleições. Nesses períodos, o campo expressivo artístico não se manteve calado. Um dos grupos artísticos de destaque é o 3nós3, formado pelos artistas Hudinilson Jr., Mario Ramiro e Rafael França, que realizavam intervenções em monumentos, em especial os com corpos humanos, cobrindo suas cabeças com sacos plásticos, fazendo uma alusão a repressão torturante do período.



Ensacamento, 1979-2013

Nas Diretas Já, o apoio dos artistas foi imprescindível, especialmente das mulheres: [...] a atriz Christiane Torloni, que sempre fazia uma fala rápida nos comícios ao lado de Ulysses Guimarães, e a cantora Fafá de Belém, que emprestava sua voz e estilo ao Hino Nacional, além de cantar outras canções, como “Coração de Estudante”. Chico Buarque foi um grande apoiador, compondo depois a música “Pelos Tabelas”, inspirada na campanha, que comemora a adesão do povo às Diretas quando diz: “quando vi todo mundo na rua de blusa amarela”. O amarelo da bandeira foi a cor símbolo da campanha. (MEMORIAL DA DEMOCRACIA, 2015-2017).



Manifestação pelas Diretas Já em Belo Horizonte

Esses dois eventos demonstram uma disposição para a luta. Os atos de 2013 complementam isso, porém, o contexto atual fornece outros elementos, como por exemplo o vigor da internet, em especial das redes sociais, que foi imprescindível para o sucesso das manifestações, mas também foi uma plataforma muito usada para desvirtuar os objetivos reais inicialmente reivindicados.

Os antecedentes dos protestos são dúbios, mas partem de movimentos já conhecidos no mainstream (que não são correntes nas mídias tradicionais), como o Movimento Passe

por Gabriela Lúcio

Livre (MPL), organização social apartidária (frisa-se aqui o movimento não é anti-partidário) fundada em 2005 que defende a retirada da cobrança de tarifas em transportes públicos, o MPL esteve incorporado na grande maioria dos atos relativos ao tema desde sua criação, em especial na jornada de junho.

As primeiras manifestações próximas a 2013 relativas a essa temática foram realizadas em meados de 2012, no Rio de Janeiro, organizados por movimentos de esquerda, com o aumento da passagem de R\$2,50 para R\$2,75. No período, 11 capitais tinham previsão do reajuste no valor da passagem, dentre elas Belo Horizonte (8%), Cuiabá (8%), Vitória (6,8%), João Pessoa (4,7%), Teresina (10,5%) e Rio de Janeiro (10%) (G1, 2012, online), protestos também ocorreram em Vitória no mesmo período.

O estopim para a jornada de junho foi a proposta de aumento da passagem dos ônibus em Porto Alegre (de R\$2,85 para R\$3,05), um reajuste de 15,8%, o ato aconteceu em janeiro de 2013. O reajuste de 7%, que elevou a tarifa para R\$ 3,05, entrou em vigor no dia 25 de março. A medida acabou engrossando os protestos (GAUCHAZH, 2013, online). A partir de 15 de maio, em Natal (RN) foi deflagrado o movimento Revolta do Busão (GAUCHAZH, 2013, online), a partir de então, os protestos foram intensificados em todo o país, realmente ganhando força a partir de 06 de junho.

Infelizmente, com o aumento da população nos atos, as incitações de ódio e violência também ganharam força. Inicialmente, gritos de “sem partido” foram entoados por pessoas – que não necessariamente eram manifestantes –, cabe ressaltar que os partidos políticos e suas bases sindicais, em essência os de esquerda, sempre foram os grandes puxadores e organizadores de uma infinidade de atos, e respeitar sua história de luta faz-se digno e necessário, o que não aconteceu nesse contexto. Ainda nos atos, militantes eram agredidos, eventos falsos em redes sociais eram criados e atos de predação

eram propositalmente realizados, com o intuito de prejudicar os que lutavam.

Essas questões serão mais profundamente abordadas, porém, é importante não esquecer das histórias de luta já realizadas no Brasil, valoriza-las, em prol da memória e da história.

REFERÊNCIAS

- 3NÓS3. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo434553/3nos3>>. Acesso em: 31 de mar. 2018. Verbete da Enciclopédia.
- BRASIL DE FATO. Liminar da Justiça suspende aumento da passagem em Porto Alegre (RS). Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/node/12571/>>. Acesso em: 31 mar. 2018.
- CODATO, Adriano Nervo. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. Revista de sociologia e política, Curitiba, v. 2, no. 25, p. 165-175, 2005.
- FARAH, Marta Ferreira Santos. Política e sociedade: as manifestações de rua de 2013 e 2015. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/politica-e-sociedade-as-manifestacoes-de-rua-de-2013-e-2015/>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- G1. Tarifas de ônibus municipais têm aumento em 6 capitais do país. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/01/tarifas-de-onibus-municipais-tem-aumento-em-6-capitais-do-pais.html>>. Acesso em: 28 abr. 2018.
- GAUCHAZH. Inspirados em Porto Alegre, protestos em série contra reajustes na tarifa de ônibus se espalham pelo país. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/06/inspirados-em-porto-alegre-protestos-em-serie-contr-reajustes-na-tarifa-de-onibus-se-espalham-pelo-pais-4171189.html>>. Acesso em: 31 mar. 2018.
- LUDDITA (GGN). A falácia dos protestos sem partido. Disponível em: <<https://jornalgg.com.br/blog/luddita/a-falacia-dos-protestos-sem-partido>>. Acesso em: 31 mar. 2018.
- MEMORIAL DA DEMOCRACIA. Os artistas na campanha: 1983-1984. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/diretas-ja/>>. Acesso em: 31 mar. 2018.
- O GLOBO. Pulverização de protestos toma conta do Facebook. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/pulverizacao-de-protestos-toma-conta-do-facebook-8791774>>. Acesso em: 31 mar. 2018.
- UOL. “Sem partido!”, gritam manifestantes contra uso de bandeiras em protesto em SP. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/17/sem-partido-gritam-manifestantes-contr-uso-de-bandeiras-em-protesto-em-sp.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2018.



O menor abrigo #1, 2015

Ana Hortides

Açúcar, 3x3x2cm

O menor abrigo #2, 2016

Ana Hortides

Vidro, 7x7x7cm

O menor abrigo #5, 2017

Ana Hortides

Carvão, 1,5x1,5x1cm

Ana Hortides

1989. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Artista visual e mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela UFF/RJ, na qual se Gradou em Produção Cultural. Estudou na EAV Parque Lage. Trabalha e investiga as relações entre imagem e escrita - o espaço do corpo, da casa, da família e da memória no campo das artes.



Meia casa meia vida, 2016
Guga Ferraz
Maquete em madeira e desenho sobre
papel,
35 x 47 x 25 cm

Guga Ferraz

1974. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual, graduado em Escultura pela EBA/UFRJ. A partir do ano 2000, integra o grupo Atrocidades Maravilhosas, realizando trabalhos de intervenção urbana na cidade do Rio de Janeiro. A intervenção é o meio mais utilizado pelo artista, questionando temas como a violência urbana, as relações entre indivíduo e cidade e a própria cidade como lugar.



Cadeira ou Berço de Judas, 2016

Série Mobiliário Maravilha

Atelier Sanitário

Madeira coletada dos restos das obras do Porto Maravilha e do VLT, foices de metal e estruturas de cadeiras reaproveitadas

Dimensões variáveis

O Pônei, Cavalinho ou Burro Espanhol, 2016

Série Mobiliário Maravilha

Atelier Sanitário

Madeira coletada dos restos das obras do Porto Maravilha e do VLT, foices de metal e estruturas de cadeiras reaproveitadas

Dimensões variáveis

Atelier Sanitário

Atelier Sanitário. Inaugurado em 2016 por Daniel Murgel Leandro Barboza, o atelier se caracteriza por ser um laboratório de experiências poéticas, promovendo o encontro de cabeças pensantes e intercâmbio de idéias.





A Separadeira, 2016
Série Mobiliário Maravilha
Atelier Sanitário
Madeira coletada dos restos das obras do Porto Maravilha e do VLT, foices de metal e estruturas de cadeiras reaproveitadas
Dimensões variáveis

Divã com foices, 2016
Série Mobiliário Maravilha
Atelier Sanitário
Madeira coletada dos restos das obras do Porto Maravilha e do VLT, foices de metal e estruturas de cadeiras reaproveitadas
Dimensões variáveis

Atelier Sanitário

Daniel Murgel. 1981. Nasceu em Niterói (RJ), vive e trabalha no Rio de Janeiro. Graduado em Pintura pela EBA/UFRJ. Participou de residências artísticas, exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior.

Leandro Barboza. 1980. Nasceu em Niterói (RJ). É artista visual e restaurador, formado pela EBA/UFRJ, utiliza os canteiros de obra onde atua como garimpo e observatório do cotidiano do trabalhador braçal.



Emilia Estrada

1989. Nasceu em Córdoba, Argentina. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual, estudou na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Nacional de Córdoba e na EAV Parque Lage.

Av. Rio Branco, Centro. Rio de Janeiro 2015, 2015
Emilia Estrada
Lápis sobre papel, 45 x 21 cm

Pier Mauá, Região Portuária. Rio de Janeiro 2015, 2015
Emilia Estrada
Lápis sobre papel, 40 x 40 cm

Vila Autódromo. Rio de Janeiro, 2017
Emilia Estrada
Lápis sobre papel, 45 x 21 cm

Vila Autódromo. Rio de Janeiro, 2017
Emilia Estrada
Lápis, terra e aquarela sobre papel, 40 x 40 cm

Av. Rio Branco, Centro. Rio de Janeiro 2015, 2015
Emilia Estrada
Vídeo em looping, duração: 4'22"





Camilla Braga

Obra em obras, 2016
Camilla Braga
Rede de sinalização de obra, cimento,
cabo de vassoura e arame, 150 x 150 cm

1994. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Sua pesquisa lida com o reposicionamento de símbolos do cotidiano, criando diálogo entre o trabalho funcional e o circuito de arte na cidade. Também se interessa pela fetichização do sucesso a partir de um esforço puramente pessoal, que desconsidera demandas socioeconômicas externas.

Pablo Meijueiro

1988. Nasceu na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. Vive no Grajaú, e desde 2012 destina sua força criativa para as invenções do coletivo Norte Comum.

Caboco Satélite, 2014

Cartaz

CABOCO vem de caa-boc "O que vem da floresta", que tanto afirma nossa ancestralidade, inteligência, e a engenhosidade do ser humano. É um projeto criado pelo Coletivo Norte Comum, que tem a música como um princípio organizacional para a ocupação de praças, retomando a cultura do sistema de som no tecido urbano da cidade. E na rede, montando um mosaico universal da música a partir do conjunto de singularidades de seus participantes. Fazendo o upload de registros fundamentais para o nosso reconhecimento, tendo o compromisso de manter viva nossa história.

Imigrante, 2015

Cartaz

Fiz esse cartaz para o Acolhe Brasil, que vem acompanhando o movimento migratório africano, afro-latino e caribenho para o Brasil.

Das nuvens pra baixo, 2015

Cartaz

Produzi esse cartaz para o filme Das Nuvens pra Baixo. Que trança pontes entre os diários da escritora Carolina Maria de Jesus e os cotidianos de outras "Carolinas" entre a favela do Canindé, em São Paulo dos anos 1960, e a favela da Maré, no Rio de Janeiro de 2015.

Instinto Coletivo, 2012

Cartaz

Foi meu projeto de conclusão da faculdade, onde desenvolvi uma pesquisa sobre a história do cartazes políticos no mundo, criando uma campanha cartazista autônoma do partido político, que tinha a função de levar a prefeitura do Rio de Janeiro o deputado estadual Marcelo Freixo.

Nawa, 2014

Cartaz

Cartaz criado na residência artística "remixofagia" no CMAHO, a partir da criminalização dos "mascarados" adeptos as táticas Black Bloc nas manifestações em 2013. Essa alteridade, que assombrou o estado pelo desconhecido. Sendo subjugado pela imprensa, que projetou a sua sombra no outro, o estrangeiro, o mascarado. Sem o outro, o "diferente", aquilo tudo que não sou eu, ficamos pobres, vazios. Todo exagero esconde uma falta, que encontra expressão na violência, que precede tempos de silenciamento do estrangeiro.

Nawa

outro

*o outro que somos nós
outro que somos
outro que não somos
o outro que não queremos ser
o outro que queremos ser
outro que podemos vir a ser*

Jéferson



O gigante acordou? Depois de 2013

O mês de junho do ano de 2013 foi um mês atípico para muitas cidades brasileiras. Nessa época, atos foram convocados pelo Movimento Passe Livre (MPL) – que se auto define como “um movimento social autônomo, apartidário (mas não anti-partidário), horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”¹ –, que tinham por meta reivindicar a revogação do aumento das tarifas de ônibus naquela ocasião. O Movimento ainda se propõe a ser “um meio para a construção de uma outra sociedade”, não possuindo, portanto, um fim em si mesmo. Segundo o grupo,

“o MPL deve ter como perspectiva a mobilização dos jovens e trabalhadores pela expropriação do transporte coletivo, retirando-o da iniciativa privada, sem indenização, colocando-o sob o controle dos trabalhadores e da população. Assim, deve-se construir o MPL com reivindicações que ultrapassem os limites do capitalismo, vindo a se somar a movimentos revolucionários que contestam a ordem vigente. Portanto, deve-se participar de espaços que possibilitem a articulação com outros movimentos, sempre analisando o que é possível fazer de acordo com a conjuntura local.”²

Como exposto, a principal demanda do Movimento ao convocar os atos era a revogação do aumento das tarifas do transporte público. Tinham como objetivo, portanto, uma pauta clara e imediata. A estratégia escolhida pelo MPL foi a de interditar o trânsito em vias de grande circulação, de modo a atrair as atenções para sua reivindicação. No entanto, forças policiais do Estado reagiram com violência, amparadas por grandes veículos de comunicação do país que endossavam as ações de repressão. Após duas semanas de manifestações, a revogação do aumento das passagens foi anunciada em São Paulo e em outras cidades brasileiras. Contudo, uma nova fase dessas manifestações estava

prestes a começar.

No dia 20 de junho de 2013, dia seguinte ao da decisão da revogação do aumento das passagens, o MPL decide manter o ato agendado, como forma de comemorar o feito. Na capital paulista, pelo menos 100 mil pessoas saíram às ruas, e a manifestação ficou marcada pelo confronto entre militantes ligados a partidos políticos e pessoas que se diziam “anti-partidos”.

Em São Paulo, a manifestação foi dividida em dois grupos. No Rio de Janeiro, 300 mil pessoas participaram do ato, que foi duramente reprimido pela Polícia Militar. Ao menos 62 manifestantes ficaram feridos e precisaram ser levados para o hospital. Em algumas cidades, bandeiras de partidos políticos foram queimadas e militantes ligados a movimentos sociais foram hostilizados por manifestantes que gritavam frases como “sem partido” e “meu partido é meu país”. O movimento negro “Uneafro”, por exemplo, teve uma de suas bandeiras rasgadas e militantes do movimento feminista “Marcha Mundial de Mulheres (MMM)” foram agredidos.

No dia 21 de junho, o Movimento Passe Livre divulgou em nota que não iria mais participar dos atos que estavam sendo convocados pela internet – que levantavam bandeiras como “mais educação”, “mais saúde” e o “fim da corrupção” –, alegando que traziam à tona um discurso conservador e divergiam das demandas iniciais propostas pelo grupo. Para os integrantes, houve uma tentativa de cooptação do movimento por grupos de direita. Houve uma investida em se apropriar de um movimento de massa que tais grupos seriam incapazes de mobilizar, já que não havia nenhum vínculo real entre os partidos chamados de oposição à época e os movimentos de massa.

Nesse contexto, as passeatas que inicialmente reivindicavam uma questão localizada – a revogação do aumento das tarifas de transporte público em algumas cidades do país – passaram a simbolizar demandas mais genéricas e menos

por Letícia Guerra

direcionadas. O que se viu acontecer foi a dispersão de reivindicações que surgiram na esteira da exigência de meios de transportes urbanos de melhor qualidade e mais acessíveis. Na primeira fase das manifestações, a mídia oligárquica condenou veementemente os protestos. O jornal A Folha de S. Paulo chegou, inclusive, a pedir em editorial (no dia 13 de junho) a aplicação da “força da lei” contra atos de vandalismo. Em 12 de junho, O Globo falou em “marcha da insensatez”; no mesmo dia, O Estado de S. Paulo alertou contra os “baderneiros” que “aterrorizam a população”. A polícia reprimiu os manifestantes violentamente, fazendo uso de bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta e balas de borracha. Contra a arbitrariedade policial, a reação popular em várias capitais e grandes cidades do país foi intensa.

Manifestantes de setores de classe média e perfil político mais conservador também se uniram aos demais manifestantes em junho de 2013 em busca de seus objetivos e, pode-se dizer, da manutenção de seus privilégios. Muitos destes alegavam ser “contra tudo o que está aí”. E aqui cabe a questão: o que “estava aí”? Os governos democráticos e progressistas inaugurados com a posse de Lula em 2003? Os governos de esquerda?

Do outro lado dentre os manifestantes, havia a presença de partidos de esquerda, centrais sindicais, organizações juvenis e estudantis e movimentos sociais que, apesar de defenderem as mudanças realizadas no país desde 2003, também tinham reivindicações a fazer. Estes eram hostilizados com frequência pelos que se intitulavam “anti-partido”.

O que se viu a partir daí foi uma tentativa da oposição de direita e setores conservadores de pegarem carona no movimento, principalmente a partir do dia 17 de junho, na segunda fase dos protestos. Nessas circunstâncias, a grande mídia mudou de tom. A TV Globo, por exemplo, chegou até mesmo a deixar de transmitir a novela e o Jornal Nacional, no dia 20 de junho,

para dar destaque aos protestos.

Muitos bradavam que o gigante havia acordado. Ora, há um nítido exagero na formulação desta frase. O gigante já havia despertado há muito. Sobre tudo nas eleições de outubro de 2002, quando despertou do pesadelo neoliberal e um torneiro mecânico foi eleito Presidente da República. Desde então, o gigante está de pé e ativo.

As jornadas de junho de 2013 colocaram em movimento, em centenas de cidades, uma nova geração de jovens e trabalhadores que reclamavam por melhores condições de vida e por mais direitos. Os atos de junho tiveram como impulso a iniciativa do MPL, no entanto, espontaneamente, agigantaram-se em manifestações por direitos sociais. Devido à ausência de um projeto e programa claros, terminaram se dispersando. Tiveram um protagonismo majoritariamente popular, embora a classe média tenha descido, também, às ruas.

Analisando em perspectiva histórica, 5 anos depois, nota-se que não foi articulada uma organização à altura da grandiosidade da adesão às mobilizações durante as jornadas de junho. Talvez uma das grandes fragilidades de junho foi não ter dado origem a novas articulações, mas sim ter fortalecido as existentes. Vimos com junho que, sem organização e sem o estabelecimento de pautas claras, não é possível avançar na luta por um programa. A derrota de junho de 2013 pode, inclusive, ter aberto caminho para a derrota em março de 2016, com o golpe jurídico-midiático-parlamentar sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff.

¹MOVIMENTO PASSE LIVRE. Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.mpl.org.br/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

² Ibidem.

¹MOVIMENTO PASSE LIVRE. Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.mpl.org.br/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

² Ibidem.

REFERÊNCIAS

BLOG DA BOITEMPO. Cidades rebeldes – As Jornadas de Junho no blog da Boitempo. São Paulo: Boitempo Editorial, c2013. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/jornadas-de-junho/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.mpl.org.br/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

PORTAL VERMELHO. O gigante acordou em junho de 2013? São Paulo, c2013. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/244111-1>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

Alex Frechette

É artista plástico e quer saber quem matou Marielle.

Urutau José Guajajara na árvore da aldeia Maraka' nà em 2013, 2015

Série Não cuspa no prato que você come - resistências civis em pratos

Alex Frechette

Caneta marcador permanente e tinta látex sobre prato de plástico, 28 cm de diâmetro

Greve dos professores do Rio de Janeiro em 2014, 2015

Série Não cuspa no prato que você come - resistências civis em pratos

Alex Frechette

Caneta marcador permanente e tinta látex sobre prato de plástico, 28 cm de diâmetro









Dorothy Counts, primeira estudante negra no Colégio Harding-EUA, 1957, 2015

Série Não cuspa no prato que você come - resistências civis em pratos

Alex Frechette

Caneta marcador permanente e tinta látex sobre prato de plástico, 28 cm de diâmetro

Protestos na Praça da Paz Celestial em Pequim em 1989, 2015

Série Não cuspa no prato que você come - resistências civis em pratos

Alex Frechette

Caneta marcador permanente e tinta látex sobre prato de plástico, 28 cm de diâmetro

Greve dos garis do Rio de Janeiro em 2014, 2015

Série Não cuspa no prato que você come - resistências civis em pratos

Alex Frechette

Caneta marcador permanente e tinta látex sobre prato de plástico, 28 cm de diâmetro

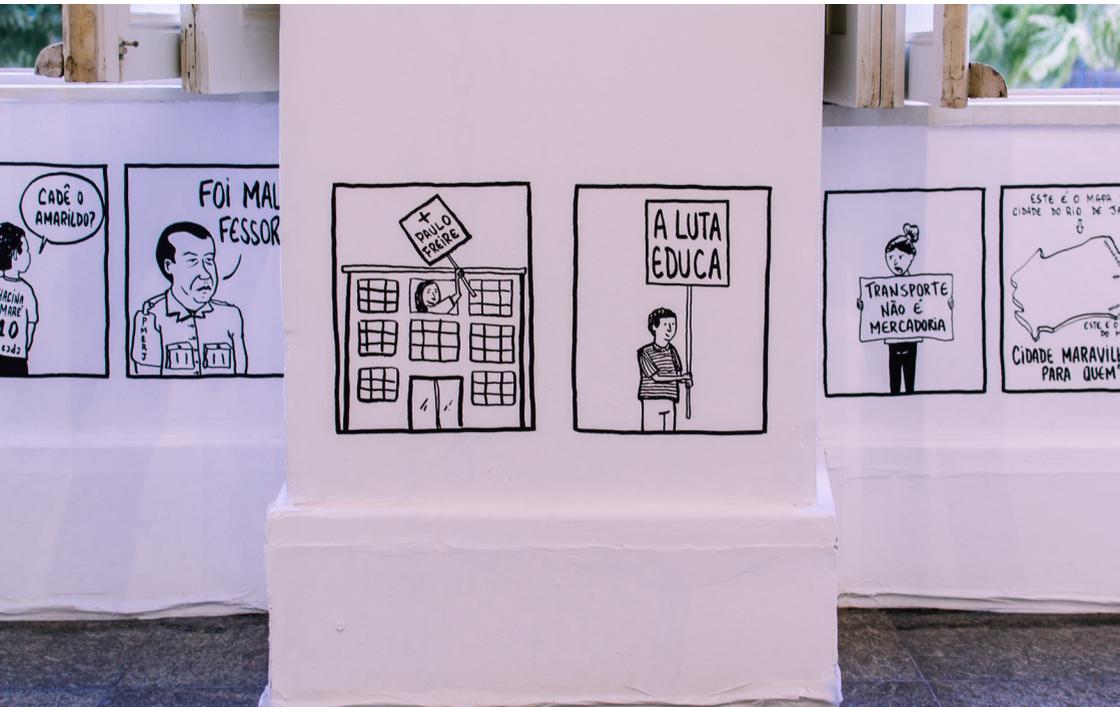
Tavarez

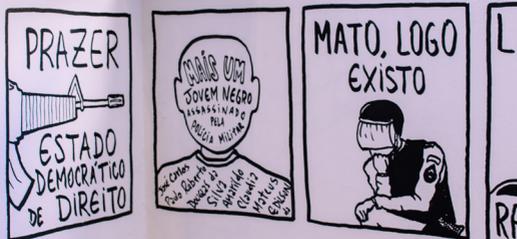
Sem título, 2018

Tavarez

Caneta marcador de tinta a base de água

1988. Artista urbano e militante de movimento popular. Desenvolve o seu trabalho nas cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro, onde mora. Produz trabalhos relacionados com a luta da classe trabalhadora.



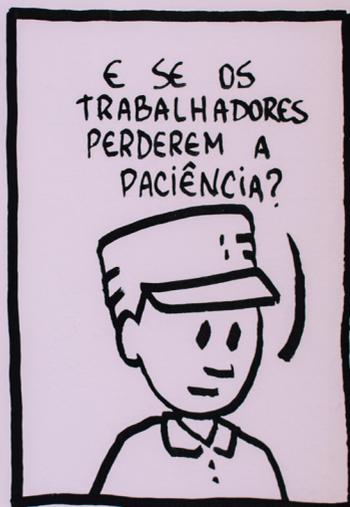




Sem título, 2018

Tavarez

Caneta marcador de tinta a base de água





Marcela Cantuária

1991. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Graduada em Pintura pela EBA/UFRJ. Atualmente leciona em seu ateliê questões práticas da pintura contemporânea.



Comissão da verdade #1, 2018
Série Futuro do Pretérito
Marcela Cantuária
Acrílica s/tela, 30 x 40 cm

Comissão da verdade #3, 2018
Série Futuro do Pretérito
Marcela Cantuária
Acrílica s/tela, 30 x 40 cm



Comissão da verdade #2, 2018
Série Futuro do Pretérito
Marcela Cantuária
Acrílica e óleo s/tela, 30 x 40 cm

Encher de presença a ausência, 2018
Série Futuro do Pretérito
Marcela Cantuária
Acrílica e óleo s/tela, 30 x 40 cm

Putas do Amanhã em Porto Maravilha
Gentrifica, 2016
Coletivo Seus Putos
Fotografia de George Magaraia
Lambe-Lambe

Operação Lava Alerj, 2015
Coletivo Seus Putos
Fotografia de George Magaraia
Lambe-Lambe

Coletivo Seus Putos

2015. Grupo de ações estético-políticas atuante no Rio de Janeiro, que de forma irreverente aborda questões do corpo, identidade e gênero, referências indispensáveis em suas críticas sociais e institucionais.



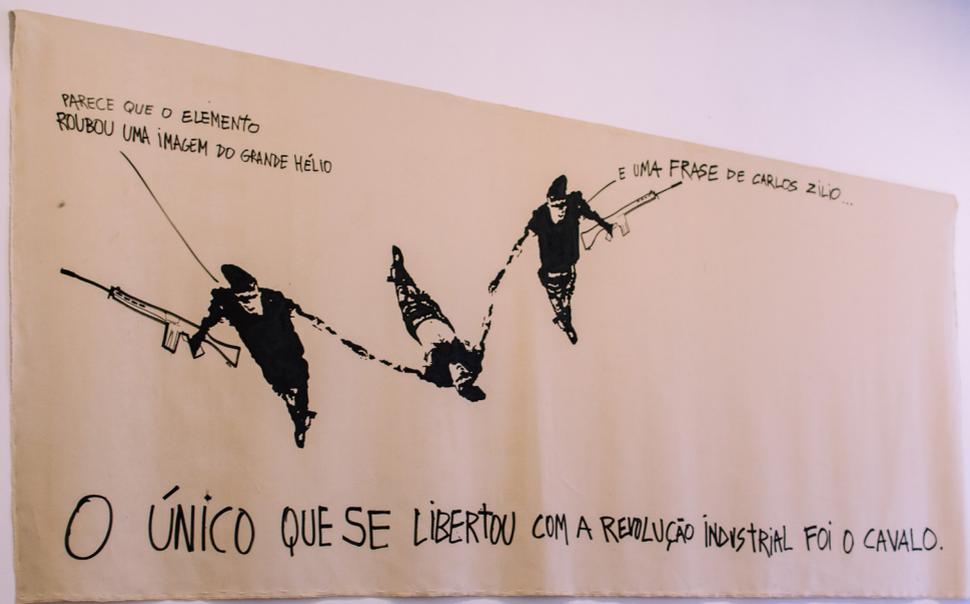
Gustavo Speridião

O único que se libertou com a revolução industrial foi o cavalo, 2018

Gustavo Speridião

Nanquim e verniz sobre lona, 6 x 2 m

1978. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual, mestre em Linguagens Visuais na PPGAV/EBA/UFRJ. Seus trabalhos possuem foco na ideia de que o meio artístico deve imitar o olho humano a fim de explorar situações da vida cotidiana, são caracterizados por justaposições espirituosas, atenção à linguagem, ao enquadramento e à cor; crítica e se envolve com a história da arte e a cultura contemporânea.





Esculturas urgentes, 2013
Guga Ferraz
Esculturas com balaclavas, 20 x 20 x 30 cm

Guga Ferraz

1974. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual, graduado em Escultura pela EBA/ UFRJ. A partir do ano 2000, integra o grupo Atrocidades Maravilhosas, realizando trabalhos de intervenção urbana na cidade do Rio de Janeiro. A intervenção é o meio mais utilizado pelo artista, questionando temas como a violência urbana, as relações entre indivíduo e cidade e a própria cidade como lugar.



Ocupações: modos de ocupar

Ao adicionamos o sufixo ação ao verbo ocupar construímos um jogo com as palavras, uma espécie de trocadilho que resulta na soma ocupação. O exercício inverso, de “dissecar” a palavra, contribui para trazer à luz o seu significado: a ação de ocupar. Existem dois usos mais recorrentes, sendo um vinculado à ideia de ofício, atividade desenvolvida por uma pessoa, sujeito que se ocupa de uma função, ao passo que a outra interpretação indica a ideia de tomar posse de um espaço, instalar-se, preenchê-lo, se fazer presente em prol de uma causa. A primeira definição refere-se ao sujeito-ocupado, enquanto a segunda ao sujeito-ocupante. No último ano, as Jornadas de Junho foi tema de debates, exposições e cursos, sendo possível observar como a palavra ocupação foi geradora para construir reflexões sobre as manifestações de 2013. Ocupação é um ato de resistência, quando a luta passa do campo teórico para existir na forma de ações, gestos e atitudes de viés político.

Nesse sentido, o corpo se faz presente, o corpo da multidão, de milhares de pessoas ocupando a cidade e assumindo uma função, ser ocupante, deslocados do conforto de suas casas para o confronto das ruas, na luta por diversas causas. Ao voltarmos o nosso olhar para as ocupações que aconteceram no exterior, antecedentes das Jornadas de Junho de 2013, conseguiremos observar como tais ecoaram por aqui. Não se trata de estabelecer uma narrativa de causa e consequência, mas apontar a contribuição de determinadas ações e como essas se sucederam, isto é, foram referências para o nosso modus operandis. No início desta década, por exemplo, a atenção e a tensão estiveram voltadas para as intensas revoluções populares, reivindicações e revoltas em oposição ao governo, ocorridas no território do Oriente Médio e no Norte da África. O período em questão ficou conhecido como Primavera Árabe, termo que abriga as revoluções na Tunísia e no Egito, assim como as guerras civis na Líbia e na Síria, além de

outros protestos em diversos países dessa geografia. Existe um consenso em relação ao estopim, o dia 18 de dezembro de 2010, dado que foi quando um comerciante tunisiano se automutilou em sinal de revolta, um ato contra a situação do país.

Após o episódio protagonizado pelo comerciante Mohamed Bouazizi, ocorreram diversas outras manifestações, como a ocupação das ruas de Túnis, capital da Tunísia, onde uma multidão lutou contra o poder estabelecido das diversas autoridades locais. A série de protesto ficou conhecida como Revolução de Jasmim, nome de uma flor nativa que exala aroma marcante, sobretudo à noite. Desse modo vale ressaltar que o mesmo ocorreu no Egito, posto que um dos nomes de sua revolução fez referência a flor de lótus, símbolo presente em sua mitologia. Considerando tais intitulações percebemos que nenhuma escolha foi arbitrária, visto que assim como as flores que florescem na primavera – estação do ano associada ao reflorescimento, ação trazer de novo a vida –, as manifestações floresceram no território árabe. Na primeira década do século XXI há um jardim de revoluções: rosa, tulipas, laranja, açafraão, cedros, e as já citadas jasmim e lótus.

Apesar de sofrer inúmeras repressões, a Revolução de Jasmim conquistou renúncia do ditador Zine el-Abdine Ben Ali, presidente do país ao longo de 23 anos. O Egito atingiu o mesmo feito após duas semanas de protestos em massa, resultando no dia 11 de fevereiro na renúncia de Hosni Mubarak, ditador que esteve no poder durante 30 anos, sendo o presidente mais longo da história do país. A população ocupou a Praça Tahrir, onde há importantes construções no entorno, um espaço público que foi epicentro de diversos outras ações, como as Revoltas do Pão (1977) e atos contra a Guerra do Iraque (2003). A ocupação deu início no dia 25 de janeiro, no dia da revolta, com cerca de 15 mil pessoas, atingindo mais de 1 milhão no início de fevereiro. A Revolução Egípcia de

por João Paulo Ovidio

2011 também ficou conhecida por alguns nomes: Dias de Fúria, Revolução de Lótus e Revolução do Nilo. O conflito na Líbia foi mais extenso, durou oito meses, diferenciando-se também por ter sido uma guerra civil com intervenção militar da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), isto é, contou com a ocupação das forças armadas. Em suma, a motivação da revolução árabe estava associada à crise econômica e ausência de democracia, a luta contra a corrupção e os maus tratos, tal como a precariedade provocada pelo alto índice de desemprego. Essas revoluções conquistaram atenção internacional, dado que repercutiram para além de sua geografia, refletindo em discussões dos países do Ocidente, os quais consideraram os acontecimentos como um momento de redemocratização.

A insurgência nesses países foi pautada no agravamento da recessão, em parte um reflexo da crise mundial, mas também devido às consequências do regime ditador sobre a economia. Outra possível motivação diz respeito à ação da WikiLeaks, uma organização sem fins lucrativos responsável por compartilhar conteúdo comprometedor na internet, material relativo à governos e empresas. Em novembro de 2010, Julian Assange, o fundador da organização, publicou documentos que datam de 2004 a 2009, os quais se referem a morte de milhares de pessoas nas guerras do Afeganistão e do Iraque, evidências de assassinatos praticados por tropas de diferentes nacionalidades, principalmente por militares norte-americanos durante o período em que ocuparam os países do Oriente Médio. Os EUA eram aliados de ditaduras árabes a fim de assegurar os seus interesses geopolíticos e econômicos, uma vez que a região abriga as maiores reservas de petróleo do mundo.

O vazamento das informações provocaram diversos conflitos, de modo que a WikiLeaks junto a cinco grandes periódicos trouxeram à luz telegramas secretos da diplomacia norte-

americana. Diante de tal situação existem relatos de ciber-militantes tunisianos engajados em difundir as notícias com o propósito de revelar à população a corrupção cometida pelo regime. O governo reagiu a essas ações com censuras à internet e mandado de prisão aos hackers, blogueiros e jornalistas, uma atitude responsável por gerar mais revolta no povo. Acredita-se que o fato dos protestos terem sido organizados por jovens através das redes sociais seja o indício de uma nova era, onde movimentos sociais atuam de modo horizontal e estão desvinculados de partidos políticos, transformando assim o nosso mundo.

As mídias sociais, como o Facebook, Twitter e YouTube, exerceram papel importante para a organização, comunicação e comoção à nível internacional via internet, um modo de driblar a repressão e censura do Estado. Portanto, as ações se diferenciavam das passadas devido o seu novo modus operandi, a adoção da internet como ferramenta, a qual passou a ser utilizada a fim de construir redes de informações. Ao contrário dos meios de comunicação de massa, especificamente o jornal, impresso ou televisionado, a internet abre margem para intervenções que desloca o usuário de mero receptor para um produtor de conteúdo, logo, esse não merece ser tratado como agente passivo, pois possui instrumentos para fazer a sua voz ser ouvida.

A ocupação na internet permitiu presenciar os acontecimentos em tempo real por meio das mídias alternativas. Essas também estiveram ocupadas, antes de uma extensão da rua foi espaço de discussão independente e alternativo. O Facebook se encontrava em ascensão. Na época um número expressivo de fotos e vídeos foram publicados, constituindo um acervo de livre acesso, disponível para todos os interessados. A partir daí também serviu para a publicação de longos textos, relatos de vivência e denúncias contra injustiças, tornando-se cada vez mais frequentes. Quem tem informação,

e sabe usá-la a seu favor, tem poder, seja no singular, para benefício próprio ou difamar alguém, ou no plural, para instruir o coletivo ou manobrar a “massa”. Nos dias atuais teríamos uma presença muito maior de stories, live stream, emojis e memes, instrumentos de um novo sistema de comunicação. Já vivemos um outro modo de expressão, bem mais dinâmico. Por mais que as revoluções no Oriente Médio tenham recebido nomes de flores, o perfume não era bom, cheirava a tensão e gás lacrimogêneo. Essas bombas são utilizadas com frequência por policiais na tentativa de conter as grandes manifestações populares. No Brasil, as Jornadas de Junho de 2013 tiveram grande repercussão devido o uso de sprays de pimenta, sendo esse o “aroma” inalado por nossos manifestantes. As ações truculentas dos policiais ilustraram o modo como eles não estavam cientes da importância dos atos, uma vez que o povo estava na rua para lutar por questões que afetam toda a sociedade. Entre inúmeras reivindicações, o reajuste descabido do valor da tarifa do transporte público, serviço de má qualidade e com veículos sucateados, foi responsável por uma avalanche de tantos outros protestos.

Outra ocupação anterior ao momento da Jornada de Junho, e bastante conhecida, foi o Occupy Wall Street (OWS), a qual podemos nos referir como um movimento de protesto nos Estados Unidos, iniciado nos últimos meses de 2011, com algumas controvérsias sobre como teria começado. Independente disso, sabemos que a principal causa era a luta contra a desigualdade econômica e social, a corrupção e influência de diversas empresas sobre o governo, sobretudo no setor de serviços e o financeiro. Os manifestantes adotaram como bordão Nós somos os 99% , sendo uma referência à desigualdade de distribuição de renda, uma vez que a população mais rica representa o número de 1%. Desse modo, realizaram uma ocupação no Wall Street para atingir os seus objetivos, espalhando-se para

diversas cidades do país. A ocupação também aconteceu nos bancos, sedes corporativas e universidades.

As Jornadas de Junho implicou o fim de um importante movimento de ocupação, o Ocupa Câmara. No entanto, dois anos depois foi decidido em assembleia que a ocupação seria retomada. Com o nome de Ocupa Cinelândia, o movimento ficou conhecido por ser autônomo e apartidário, bem como por ser uma ocupação legitimada pela justiça. Em suma, o Ocupa Cinelândia apoiava às ocupações nas escolas públicas, à luta estudantil por melhorias na educação, e os docentes grevistas, os quais sofreram diversas perseguições. Eles também protestavam contra as remoções causadas pelos megas eventos esportivos, Copa do Mundo (2014) e Jogos Olímpicos (2016), como também contra a corrupção e injustiça que assolam o nosso país. O movimento apoiou a luta pela liberdade de Rafael Braga, pela garantia de saúde pública de qualidade, pelos direitos trabalhistas, pela construção do poder populares e pela visibilidade e direitos à comunidade LGBTQ+.

As pautas citadas anteriormente estiveram presente no trabalho de diversos artistas, por exemplo, Ocupada de Fátima Aguiar. A videoperformance, realizada durante a ocupação estudantil no prédio da Reitoria da UFRJ, consiste em uma ação onde a artista toma um banho com a água da goteira, um gesto de caráter irônico que denuncia a precariedade das instituições públicas e suas instalações. O trabalho de Lourival Cuquinha, intitulado Dois Crimes Menos Um, traz uma prateleira com helicóptero coberto por um pó branco, referência ao caso Helicoca, e na prateleira ao lado há uma garrafa de água sanitária e outra de desinfetante, referente ao caso Rafael Braga. Catador de materiais recicláveis, Rafael foi preso devido uma suspeita de porte de artefato explosivo, uma vez que os produtos de limpeza que carregava são usados na produção de coquetel motov. Já o dono do helicóptero que

transportava 450 kg de cocaína não foi punido, aliás, houve até pedidos para que a justiça retirasse do ar as reportagens sobre o caso. Vivemos uma justiça desigual.

Uma manifestação pacífica é uma farsa, como foi comprovado com as Jornadas de 2013, uma vez que os policiais apresentaram postura truculenta com os manifestantes. O sistema não está do lado da classe trabalhadora, querem a todo momento evitar os seus avanços e boicotar suas lutas, portanto, por qual motivo permitiriam que tais pessoas tivessem voz para denunciar os seus problemas? Continuaremos ocupando, à academia para desenvolver nossas pesquisas e pensamento crítico, à rua pela garantia dos nossos direitos e dos outros, às mídias sociais por um vasto acesso de informação e liberdade de expressão. Portanto, repito que ocupar é resistir, e resistir é preciso. Sigamos unidos, sigamos ocupando!



J. Loverlock, 2014
Guga Ferraz
Acrilica sobre papel, 166 x 144cm



Kit Manifesto Feliz, 2013
Vô Pixa Pelada
Máscara protetora, vinagre e adesivo de granada

Vô Pixa Pelada

O coletivo iniciou suas ações em 2012 como uma inquietação à poluição visual causada pelas campanhas eleitorais daquele ano. Formado por jovens sabotadores que enxergaram potencial criativo para a prática de arte e política através de suas próprias perspectivas. Os trabalhos fomentam a produção de um pensamento crítico e priorizam o humor como aproximação assimilável de abordagens estético-políticas nas ações.







Daniele Machado

Imagens de Fogo, 2018
Impressão em papel A3, colorido

Pesquisadora e artista interessada na área de Arte, Memória e Patrimônio.

Barbara Szaniecki

Sem título, 2018
Projeção de cartazes e fotografias de
manifestações

As suas pesquisas têm ênfase nas relações entre Design Gráfico (em particular do cartaz) e conceitos políticos como: multidão, poder e potência, manifestação e representação.



12 MAIO 12 MÉIER



<http://ocupario.org/>

**OCUPA
MÉIER**

OFICINAS

DEBATES

Praça Agripino
Grieco, próximo
à estação Meler,
a partir das 13h.

INTERVENÇÕES

LANÇAMENTO
REVISTA OCUPA

METRÓPOLE

COM OCUPAÇÃO, COM CIRCULAÇÃO, COM CULTURA VIVA,
COM HIP HOP, COM MÍDIA MOVIMENTO, COM DEMOCRACIA
RADICAL, COM TESAIO, COM RENDA, AUTONOMIA E LUTAS!



Eram só 20 centavos?

Tudo começou com os 20 centavos. Logo surgiram os gritos “não quero Copa”, “contra a PEC 37”, “contra a militarização da polícia”, “sem violência”, “sem partido”, “contra a cura gay”, “fora Cabral”, “fora Feliciano”, entre outros. No dia 6 de junho de 2013, protestos foram organizados pelo Movimento Passe Livre em São Paulo, Rio de Janeiro, Natal e Goiânia, contra o reajuste nas tarifas de ônibus. Este primeiro protesto já foi marcado por confrontos com a polícia e resultou na prisão de pelo menos 4 manifestantes no Rio de Janeiro. No dia 17 de junho o movimento se expandiu e 11 capitais foram palcos de atos. Desta vez já se podia ouvir gritos contra a Copa do Mundo e contra a PEC 37.

A vontade de se criar um movimento horizontal, livre da agenda de partidos políticos, culminou numa agenda descentralizada que dificulta a clareza das reivindicações. Logo os protestos foram tomados por grupos heterogêneos movidos por causas diversas. Bruno Torturra, jornalista, fundador do Estúdio Fluxo e um dos idealizadores do Mídia Ninja comenta que “muitos dos que estavam ali se odiavam”:

As manifestações só ganharam aquele volume todo porque tiveram a participação de pessoas que, no fundo, discordavam profundamente de tudo o que havia levado as primeiras pessoas às ruas. Então, o que deu volume tirou os contornos ideológicos. Foi uma reunião de forças que nunca mais voltaram a estar juntas. Isso ficou claro sobretudo na marcha de mais de 1 milhão de pessoas, após a repressão de 13 de junho. Tive a impressão de que muitos dos que estavam ali se odiavam, mas ainda não tinham descoberto isso - punks, anarquistas, patriotas nacionalistas, membros de partido. Junho abriu uma janela para a rua. Cada vez mais acho que foi um fenômeno comunicacional com implicações políticas, mais do que um fenômeno político com implicações comunicacionais. E acho injusto culpar junho pelo impeachment. Isso é algo que só veio mais tarde, em 2014,

com a Copa e os partidos tentando recuperar o protagonismo, num ano eleitoral. No fundo, junho criou um certo trauma, pois foi uma energia que não se realizou. (TORTURRA, 2017)

Os gastos com a realização da Copa do Mundo e das Confederações geraram grande revolta e muitos manifestantes reivindicavam saúde e educação no “padrão Fifa”. Com a abertura da Copa das Confederações no dia 15 de junho de 2013, os gastos públicos com o megaevento esportivo tornaram-se a discussão central dos protestos. A brasileira Carla Dauden publicou no dia 17 de junho de 2013, em seu canal no YouTube, um vídeo em inglês com legendas em português, onde explica por que não ir à Copa do Mundo. O vídeo original possui, hoje, mais de 4 milhões de visualizações e chamou atenção no Brasil e no exterior, sendo compartilhado massivamente nas redes sociais. No vídeo, Carla conta que a Copa do Mundo no Brasil custou mais do que a soma dos gastos das 3 Copas anteriores, enquanto ainda há no país um alto índice de analfabetismo e o mesmo se situava no número 85 do ranking de desenvolvimento humano. Um país onde tantas pessoas passam fome, enquanto outras morrem esperando atendimento médico, realmente precisa de mais estádios? Além dos gastos, Carla chama atenção para a entrada das UPPs nas favelas do Rio de Janeiro e sua lógica de “colocar a sujeira debaixo do tapete”, uma solução temporária para um problema que é muito mais profundo, além da remoção de milhares de pessoas de suas moradias, inclusive a expulsão dos índios da Aldeia Maracanã.

Uma das principais pautas dos protestos era a PEC 37, conhecida como “PEC da Impunidade”. A Proposta de Emenda Constitucional 37/2011 determinava que o poder de investigação criminal seria exclusivo das polícias federal e civis, retirando esta atribuição de alguns órgãos e, sobretudo, do Ministério Público. A pressão realizada pelas manifestações fez com que

por Thiago Fernandes

a PEC 37 fosse rejeitada por 430 votos, com apenas 9 favoráveis e 2 abstenções, na votação que ocorreu no dia 25 de junho de 2013.

Também foi alvo de manifestações o Projeto de Decreto Legislativo 234/2011, conhecido como “cura gay”, apresentado pelo deputado e pastor evangélico João Campos (PSDB-GO), aprovado no dia 18 de junho pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, presidida pelo pastor Marco Feliciano. O projeto permitiria aos psicólogos promover tratamento com o objetivo de curar a homossexualidade. O deputado Marco Feliciano, desde que assumiu o comando da Comissão de Direitos Humanos em janeiro de 2013, foi alvo de ativistas devido a suas declarações racistas e homofóbicas e o “Fora Feliciano” também foi uma das pautas das manifestações. Um ato realizado no Centro do Rio de Janeiro, no dia 28 de junho de 2013, teve como centro de discussão o projeto da “cura gay” e era exigida a saída de Marco Feliciano da presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara.



Além do “fora Feliciano”, ouvia-se com ainda mais intensidade o “fora Cabral”. O então governador do Rio de Janeiro teve sua imagem prejudicada, inicialmente, em dois episódios que revelavam sua relação com empresários: em 2011, usou um jatinho de Eike Batista para ir numa festa de Fernando Cavendish; e em 2012 vazaram fotos de Cabral, com alguns

de seus secretários e o próprio Cavendish, festejando em um restaurante em Paris. Com a privatização do Maracanã e os gastos de sua reforma, além do projeto de demolição da Aldeia Maracanã, do Parque Aquático Júlio Delamare e do Estádio de Atletismo Célso de Barros, Cabral tornou-se um dos principais alvos das manifestações de junho de 2013.



Nesse contexto, intensifica-se também o debate sobre a desmilitarização da polícia. O antropólogo e cientista político brasileiro Luiz Eduardo Soares, em entrevista cedida à Isto É em 2013, afirma que o grande dano da cultura militar à democracia é que ela traz consigo a ideia da guerra e do inimigo, enquanto o modelo ideal de polícia deveria defender a cidadania e garantir direitos. A polícia vê o manifestante como inimigo e os confrontos nas manifestações de junho de 2013 (assim como em outros atos anteriores e posteriores) foram marcados por diversos registros de violência policial. Entre os feridos, encontravam-se também jornalistas que documentavam as ações, como a repórter Giuliana Vallone, da TV Folha, que foi atingida no olho por uma bala de borracha disparada por policiais militares da Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar). Manifestantes e jornalistas que carregavam vinagre, que era utilizado para reduzir os efeitos das bombas de gás lacrimogêneo, foram detidos sob alegação da PM de que o produto era utilizado para fabricar bombas caseiras.

Também se tornou palco de violência a manifestação de professores realizada no mesmo ano, no dia 1º de outubro, após a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro aprovar o projeto de lei do Plano de Cargos, Carreiras e Remunerações (PCCR) dos professores do município, que privilegiava apenas professores com carga horária de 40h e incentivava a migração daqueles que cumprem uma carga menor. Além de reivindicarem que todos os profissionais fossem contemplados pelo plano, os professores também exigiam que aqueles que investem em sua formação, realizando mestrado e doutorado, fossem valorizados financeiramente.

No mesmo dia em que professores protestavam no Rio de Janeiro, indígenas realizavam uma manifestação em Brasília contra a PEC 215, que transfere do Executivo para o Legislativo a palavra final sobre a demarcação de terras indígenas. A proposta ameaça os direitos dos indígenas e privilegia os ruralistas, pois coloca como “marco temporal” o dia 5 de outubro de 1988, data em que a Constituição foi promulgada, para definir o que são as terras permanentemente ocupadas por indígenas e quilombolas. Portanto, os índios não teriam direito à terra se não a ocupavam em 1988. A PEC 215 não leva em conta grupos indígenas que foram expulsos de suas terras tradicionais e que, devido a conflitos fundiários ou por ações da ditadura, não conseguiram voltar a ocupar estas áreas. O assunto foi alvo de grandes debates em 2012, após circular uma carta da comunidade Guarani-Kaiowá, que ameaçava cometer suicídio coletivo em protesto contra a ação judicial que ordenava sua retirada do acampamento Pyelito Kue/Mbarakay, na Fazenda Cambará, em Iguatemi, Mato Grosso do Sul. Além de há muito tempo estarem sendo expulsos de suas terras por fazendeiros, por estarem numa área ideal para o cultivo da cana de açúcar, também eram alvo de genocídio.

Protestos ocorreram em Brasília, no Rio de Janeiro e São Paulo, além das redes sociais, onde usuários trocaram seus sobrenomes para “Guarani-Kaiowá”.

REFERÊNCIAS

- <https://oglobo.globo.com/brasil/por-20-centavos-muito-mais-manifestacoes-completam-ano-12763238>
<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>
<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090>
<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/entenda-o-que-e-a-pec-37>
<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/26840020/pdc-234-11-projeto-da-cura-gay>
<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/manifestantes-protestam-contra-cura-gay-durante-mais-de-4-horas-no-rio.html>
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1297075-proposta-sobre-cura-gay-e-aprovada-em-comissao-presidida-por-feliciano.shtml>
<https://juntos.org.br/2013/08/os-muitos-motivos-do-fora-cabral/>
https://istoe.com.br/331480_



CARIMBADO, AUTORIZADO, 2017
 Carine Caz
 Carimbo sobre folhas de dimensões variadas

1994. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual, pesquisadora e graduanda em Artes Visuais/Escultura pela EBA/UFRJ. Sua pesquisa refere-se às relações dos indivíduos com os espaços público e privado, com destaque na vivência da mulher. Paralelamente, faz ações urbanas com Alice Ferraro no projeto Mina Preciosa.

Carimbado, autorizado, 2017
Carine Caz
 Carimbo sobre folhas de dimensões variadas

Carine Caz

1994. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual, pesquisadora e graduanda em Artes Visuais/Escultura pela EBA/UFRJ. Sua pesquisa refere-se às relações dos indivíduos com os espaços público e privado, com destaque na vivência da mulher. Paralelamente, faz ações urbanas com Alice Ferraro no projeto Mina Preciosa.

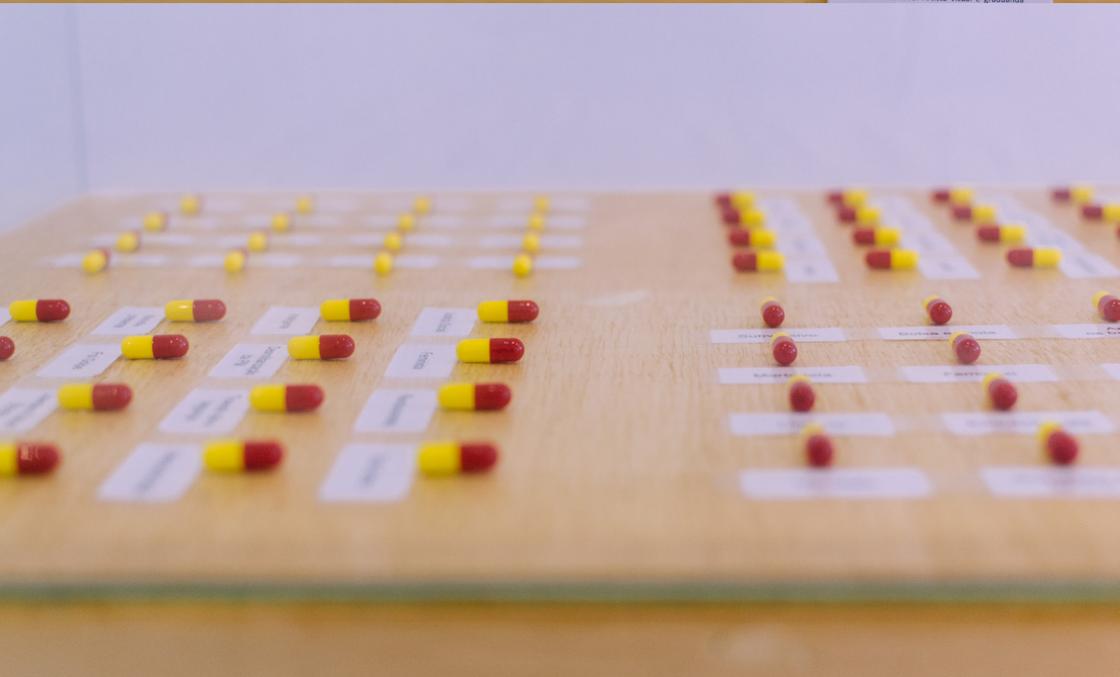




HOMO PARTIDO, 2018
Carine Coz e Isabelle Cesário
58 x 58 cm
64 cápsulas e etiquetas

Carine Coz: 1994. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual, pesquisadora e graduanda em Artes Visuais/Escultura pela EBA/UFRJ. Sua pesquisa refere-se as relações dos indivíduos com os espaços público e privado, com destaque na vivência da mulher. Paralelamente, faz ações urbanas com Alice Ferraro no projeto Mina Preciosa.

Isabelle Cesário: 1995. Nasceu em São José dos Campos (SP), mas atualmente vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual e graduanda





Efeito colateral, 2018

Ad Costa

Objeto de aprox. 8m, composto por fio de nylon e embalagens de comprimidos vazias de dimensões variadas

Ad Costa

1981. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual, graduanda em licenciatura em Artes Visuais pela UERJ. Produz objetos artísticos com cunho político e social.



Thiago Ortiz

Enfer-Marias, 2016

Thiago Ortiz

Ficha-arquivo, algodão, gaze, esparadrapo,
linha e caneta

24 fichas

1986. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Graduando em Artes Plásticas pela EBA/UFRJ. A pesquisa artística percorre os caminhos da história do Brasil, tentando estabelecer um diálogo com a narrativa do país, no que tange aos processos políticos, culturais e religiosos.



Leandro Vieira

Fantasia de Carnaval, 2018
Enredo Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco.

Artista Plástico formado pela EBA/UFRJ. Desde o início dos anos 2000 atua na produção artística dos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Desde 2016 é o carnavalesco da mais tradicional agremiação do carnaval carioca, o GRES Estação Primeira de Mangueira.



Vândalos?

3 de junho de 2013, Avenida Paulista. Foi quando um grupo de jovens se reuniu para contestar o aumento da tarifa de ônibus de São Paulo que se sucedeu uma grande explosão de protestos no país desde o Fora Collor em 1992. O sentimento de repúdio à liberdade de expressão e à repressão legitimado pelo Estado, motivou milhares de pessoas a irem para as ruas reivindicar seus direitos básicos.

O mês de junho daquele ano foi um grande marco de diversos movimentos convocados pelo MPL¹. Naquele momento, o direito ao exercício da cidadania, da voz e da opinião pública estava em jogo e muitos diziam que foi um sentimento que rapidamente se transformou numa articulação genérica de participação cidadã e em um discurso midiático propagado pela internet que, mesmo com longo alcance, ainda havia pouco aprofundamento.

Pelo menos era o que a mídia tradicional queria que acreditássemos: em manifestações de pouco embasamento político e que se resumiam às condutas consideradas violentas de grupos específicos, como Anonymous e Black Blocs. Grupos conhecidos por “promoverem uma tática de ação por meio de uma forma estética de protesto político, a fim de criarem um espetáculo midiático”, e que a mídia de fato destacou ao centrar-se na transmissão dessas manifestações, distorcendo suas ideias, ao mesmo tempo em que generalizavam e deslegitimavam muitos dos protestos que ocorriam. Entretanto, quem são esses grupos e no que acreditam?

Os Anonymous se definem como uma ideia de revolução, que não pode ser contida, perseguida e nem aprisionada. Seus integrantes não possuem líderes e buscam construir um novo mundo justo, onde haverá esperança, direitos para todos e mudanças significativas para as gerações futuras. A ação ocorre de maneira anônima na comunidade online e no mundo real – com o uso de máscaras - promovendo a liberdade na internet e a liberdade de expressão,

alcançando muitas pessoas que seguem seus ideais, reunindo-as nas manifestações.

O anonimato também ocorre de maneira similar com os Black Blocs, outro grupo de pessoas que acreditam em uma tática de ação direta, de corte anarquista. Grupos que se reuniram mascarados e vestidos de preto nas manifestações a fim de demonstrarem seu repúdio e indignação pelo Estado.

Para a grande mídia, os mascarados promoviam ações de violência, resumiam-se a grupos de criminosos que quebravam bancos, queimavam objetos e implantavam o caos. Para eles, qualquer ação considerada violenta definia os manifestantes como um todo e os protestos eram deslegitimados por completo, sem levar em conta a existência de infiltrados que visavam reforçar esse discurso.

Sendo assim, em meio às questões que estavam sendo levantadas nas manifestações, o maior problema eram os mascarados: “vândalos que agredem e agem de maneira violenta contra policiais” sem mostrarem seus rostos. Em uma sociedade que vive sob um sistema corrupto cujas informações são protegidas, veladas e com pouca transparência, quem são os verdadeiros mascarados? Visto que grandes empresas, policiais, políticos, banqueiros e mídia escondem e manipulam as informações, se disfarçam e agredem a sociedade cotidianamente de maneira criminosa.

Em contrapartida, o grupo Mídia Ninja (acrônimo de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) entrou em evidência ao fazer uma cobertura jornalística mais próxima do que realmente estava acontecendo nas ruas. Enquanto a mídia tradicional ocultava fatos, manipulava ideias e mostrava apenas imagens de violência reduzindo manifestantes a vândalos, o grupo Mídia Ninja procurava estar presente nos protestos: por meio de uma cobertura completamente independente, fazia transmissões ao vivo, promovia debates e disponibilizava fotografias que permitiam

por **Thatiana Napolitano**

maior visibilidade do ponto de vista dos manifestantes.

A ação do grupo na internet foi de extrema importância em termos de divulgação dos reais conteúdos e acontecimentos das manifestações, ao publicarem imagens da repressão violenta por parte dos policiais militares.

“Eu acho que [a Mídia Ninja] vem preencher uma lacuna, sobretudo porque recupera essa reportagem de rua, essa ênfase no que está acontecendo neste momento e ao vivo. Isso tudo é importante porque é uma forma de documentar a realidade e, ao mesmo tempo, de denunciar principalmente certas violências que não são frequentemente objeto de cobertura da mídia tradicional, e então entram muito periféricamente, porque a mídia tradicional fica muito refém das fontes oficiais e das assessorias de imprensa, exatamente porque não está na rua como deveria estar”. (Sylvia Debossan Moretzsohn, professora da Universidade Federal Fluminense do Estado do Rio de Janeiro)

Era objetivo da Mídia Ninja democratizar a produção de informação, visto que os meios de comunicação no país ainda são controlado por grandes e poucas empresas, criando um sistema de redes pouco controlado pelo poder público. Além de muitos dos grupos de comunicação de grande influência terem algum tipo de vínculo com políticos no exercício do mandato, havendo uma corrupção histórica e sistemática da opinião pública brasileira.

Logo após as primeiras passeatas organizadas pelo MPL em São Paulo, o jornal O Globo optou por enquadrar os eventos como vandalismo e distúrbio da ordem pública. As fotos da cobertura davam enfoque às cenas de violências e depredação, acompanhadas de textos com certo tom de distanciamento acerca dos acontecimentos. No dia 13 de junho, o jornalista Arnaldo Jabor no Jornal da Globo fez um discurso de repúdio às manifestações,

salientando que as mesmas eram repletas de ódio violento contra a cidade, mediadas por manifestantes de classe média que ameaçavam os policiais com coquetéis molotov. Uma manifestação alimentada por um “rancor sem rumo” composta por “revoltosos que não valem 20 centavos”.

Sendo assim, por um lado, a mídia tradicional transmitia uma imagem violenta das manifestações e, por outro, diversos grupos midiáticos independentes na internet iam contra esse discurso em prol da transparência e apuração dos fatos. As principais questões em torno das diversas táticas dos protestos procuravam refletir sobre quem realmente eram seus mediadores: Manifestantes ou Vândalos? Essa demasiada “preocupação” em caracterizar e generalizar o movimento desviava a atenção do que realmente importava e estava sendo questionado e reivindicado pela população. Por meio do conservadorismo, é de interesse recortar e manipular fatos para legitimar um discurso tendencioso e incoerente com a realidade. Portanto, é mais proveitoso e relevante questionarmos quem realmente somos e por quem lutamos em meio ao caos de um falso sistema democrático.

¹ Movimento Passe Livre – defendiam à mobilidade urbana de forma geral como um direito fundamental do cidadão, tal como direito à educação, à saúde, entre outros. Propunham a desmercantilização do transporte coletivo, mudanças sistêmicas e político-culturais.

REFERÊNCIAS

Anonymous Brasil. Disponível em: <<https://goo.gl/jTYZL8>>; Acesso em: 22 de abril de 2018.

Arnaldo Jabor sobre onda de protestos. Disponível em: <<https://goo.gl/xt2ADj>>. Acesso em: 22 de abril de 2018

Ascensão da mídia ninja põe em questão imprensa tradicional no Brasil. Disponível em: <<https://goo.gl/Udd2kr>>. Acesso em: 22 de abril de 2018.

FERES JÚNIOR, João; MIGUEL, Lorena; BARBABELA, Eduardo. A mídia impressa na cobertura das manifestações de junho. Disponível em: <<https://goo.gl/QKGnqx>>. Acesso em: 22 de abril de 2018.

Ninja 2013: Retrospectiva Multimídia. Disponível em: <<https://goo.gl/r62mb3>>. Acesso em: 22 de abril de 2018.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de Rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. Disponível em: <<https://goo.gl/QCk5aN>>. Acesso em: 22 de abril de 2018.



Cyanogaster Noctivaga

carô. noctivaga. pombagyra cyana. arte inútil, flopage, etc. trabalhos gráficos no amor. impressão barata. diagramo sua vida em 3 dias. freelancer. trabalho de camping em fenômenos urbanos. artes práticas.



Sem título, 2018
Cyanogaster Noctivaga
Lambe-lambe



Impugnação, 2018
Alice Ferraro
Madeira, lambe-lambe, e geleca
50 x 70 cm

Alice Ferraro

1996. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual, pesquisadora e graduanda em Artes Visuais/Escultura pela EBA/UFRJ. Seus trabalhos expressam questionamentos sobre o corpo feminino e a feminilidade vaidosa criada pela sociedade contemporânea. É integrante dos projetos ELLA: Interloquções Entre Artistas e Mina Preciosa.



P&B #2, 2018

Bleu, 2018

B de Beatriz, 2018

Pós-goza, 2018

Buceta sobre Buceta, 2018

Buceta invisível, 2018

Carimbo de corpo, tinta TGA

Beatriz Lohana

Essa série de trabalhos é baseada na ideia de usar minha buceta como carimbo para autenticar, e deixar de ser objeto "autenticado" pela sociedade branco-cis-hetero-normativa.

Quero dar sentido, valor ao que produz o prazer a mulher lésbica e preta, ao mesmo tempo nos significar o ser mulher, o ser lésbica e o sempre tu.

Buscando assim essa autenticidade nas muitas formas e em meu modo de ser inventado e construído por mim mesma.

O meu desejo sou eu quem fixo.

Em "Buceta sobre Buceta" foram carimbadas a minha buceta e a da minha namorada. É um momento de excitação em que as duas se tocam, um momento de vontades e desejos que antecedem o gozo.

Em seguida tem-se o "Pós-goza" que é o desdobramento desse vínculo entre duas mulheres.

Desse forma busco me reapropriar do meu corpo e ajudar na construção de uma realidade em que as pessoas marginalizadas possam inventar suas próprias histórias.

Beatriz Lohana





Quando o circuito da arte contemporânea te faz mal física e psicologicamente e vc tem provas disso



Aleta Valente

1986. Artista-etc. Vive a procura de trabalho no Rio de Janeiro.

Ex-miss Febem 2 - Seleção 1
Aleta Valente
12 fotografias, 10 x 15 cm





← Anúncio ♥ 🔗

Vendo boca de fumo (beco)
 30 março 13:04 **R\$10.000**

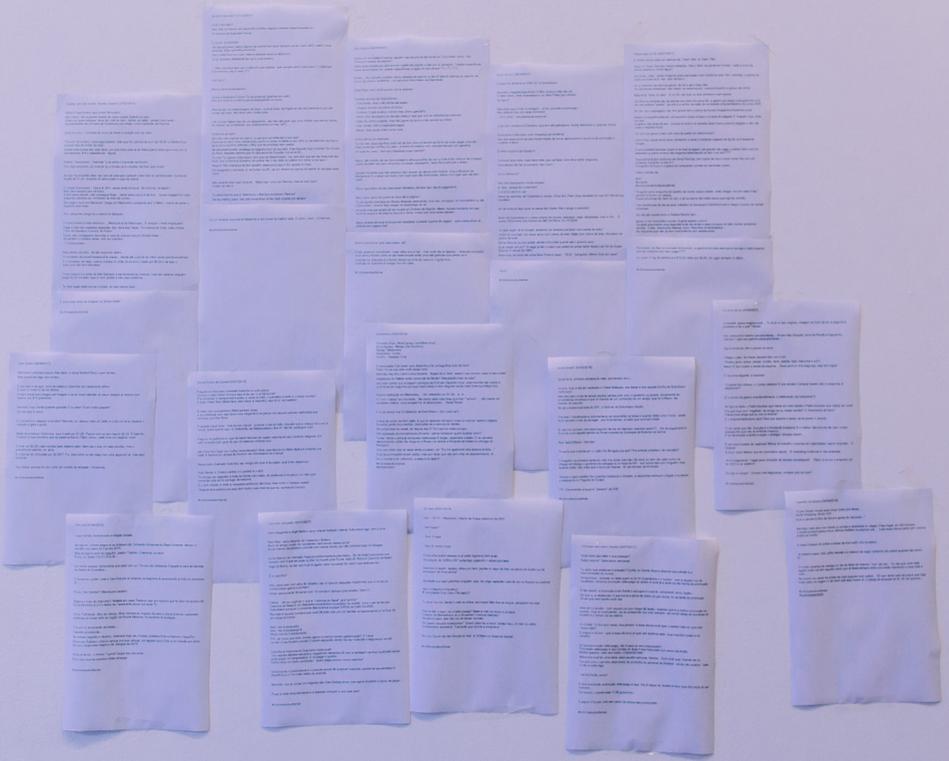
📍 Santa Mônica - Minas Gerais

Categoria	Terrenos, sítios e fazendas
Tipo de anúncio	Venda
Cód. do anúncio	322600191

esta boca esta em bom estado de conservação, boa clientela fiel, vai com os contatos dos fornecedores, nunca levou baculejo, buraco nas paredes para esconder as bacuilhas, muito seguras e soltas para

📞 Ver telefone 💬 Chat





Philippe Valentin

Crônicas suburbanas, 2017-2018
Philippe Valentin
Impressões em papel A4, preto e branco

Poeta suburbano, cria de Marechal Hermes e morador de Oswaldo Cruz, pós-graduando em Ensino de História da África e professor de história.

É festa ou manifestação? - A presença simbólica da mística pagã nas manifestações de rua

A elaboração deste texto surgiu a partir do conflito, semântico e ideológico, a respeito das possíveis formações e modos de se manifestar por um direito nas ruas. A partir de 2013, a sociedade brasileira presenciou uma mudança categórica a respeito dos modos, motivações e contextos nos quais e para os quais determinadas manifestações ocorrem, pois, pela primeira vez, explodiram-se, concomitantemente, em vários Estados brasileiros, protestos populares aglutinados em torno de insatisfações individuais e de grupos, não necessariamente demarcados e bem caracterizados, vindos dos mais diversos espectros políticos, credos, gêneros e estratos sociais. Houve, à guisa da Primavera Árabe, uma explosão de gente nas ruas, gritando suas insatisfações, desejos e projetos, além daqueles que só apareceram para acompanhar amigos ou sentirem-se participantes de um momento histórico.

Apesar da pauta diversa, formada pelo sequestro do tema que levou os jovens às ruas de São Paulo: o aumento do preço da passagem no município, configurada por uma insatisfação em torno dos rumos econômicos que se delineavam no contexto do governo petista ¹, o desencadeamento das chamadas “Jornadas de Junho”, denotaram, à época, uma possível união nacional, - que, curiosamente, configurou a apropriação das ruas pelos movimentos de direita, em prol do Impeachment de Dilma Rousseff, culminando na separação arquetípica do povo brasileiro entre “coxinhas” e “petralhas”. Sem experiência anterior com protestos de ruas, os novos militantes encenavam, então, os atos aos quais, de alguma maneira, poderiam aludir a essa união de massas: por isso, foi comum ver pessoas soltando rojões, como nas partidas de futebol, bebendo, vestindo camisas da seleção, - prelúdio das manifestações de 2015-, entre outra série de atitudes que militantes de longa data jamais adotariam, por se tratar de um território - as ruas - comumente hostil às

reivindicações feitas pelas camadas populares. O que interessa explorar, deste contexto, porém, é o outro lado das manifestações de rua: os grupos que, portando flores, tambores, e fazendo cirandas, evocam a mística dos protestos populares pautados pela não-violência e pela prática da comunicação grupal libertadora. Doutrinas largamente difundidas entre as Comunidades Eclesiais de Base, por meio da Teologia da Libertação ². Não foi possível, no entanto, determinar a origem assertiva dos grupos que, eventualmente ligados a uma pauta progressista, investem neste tipo de manifestar por uma consciência de classe e pela absorção deste conhecimento comunitário, ou se as manifestações análogas: rodas dançantes, flores e música, configuram, na realidade, ações arquetípicas que remontam os tempos da Origem, que confluem tanto na doutrina católica, que absorveu os mitos pagãos europeus, quanto nas formas primordiais de uma reconfiguração do espaço e do tempo: ao lutar por uma causa, as pessoas envolvidas neste ritual estariam, na realidade, remontando os passos de antigas práticas que, neste caso, reconduziriam a civilização ao seu eixo cósmico, ou seja, ao reflexo da sociedade ideal, dos tempos primordiais.

No texto “Teologia da Libertação, Mística e MST: O Papel da Comunicação Grupal Libertadora na Organização Política do Movimento”, a pesquisadora Márcia Vidal Nunes nos convida a observar como a prática da Teologia da Libertação, conjugada a uma problemática da posse da Terra e do direito ao plantio para a sobrevivência, trouxe aos camponeses uma “mística”, um embasamento teológico fomentado na fé e nos mitos, que serve como ânimo para luta pela posse de terras. Através da ação das comunidades eclesiais de base, a Igreja Católica, num âmbito progressista, integrava “elementos de reflexão, de arregimentação para a luta”, segundo a pesquisadora, portanto, esta “mística está

por Camila Vieira

relacionada ao cultivo da memória, resgatando experiências históricas importantes para o movimento, e à dimensão cultural, que projeta a imagem do MST através de seus símbolos³. A mística, portanto, é o invólucro que detém o conhecimento comunitário, que, transmitido de gerações a gerações, propõe uma intervenção no mundo real, através de uma prática originada nos exemplos proclamados pela literatura bíblica. Segundo Márcia Vidal:

Podemos encarar a mística como forma de avaliação da realidade concreta, na qual os militantes estão sempre tecendo considerações críticas a respeito de situações históricas, tentando recuperar a dimensão da memória, das lutas populares, dos movimentos sociais. A mística tem um caráter de encenação que passa muito pela necessidade de reviver determinadas práticas, determinadas lutas populares dos movimentos sociais que ajudaram no avanço da conquista de suas reivindicações(NUNES,2014:47).

A rememoração de uma prática é o ponto-chave para pensarmos a respeito das manifestações festivas ao longo da história recente brasileira. Uma vez que o sincretismo cultural não trouxe ao povo uma perspectiva apenas cristianizada, mas enlaça práticas vindas de outros continentes, além do europeu, surgiram no contexto social ações amálgamas, aleijadas de seus signos grupais, e que, portanto, perdem o caráter cerimonioso para dar vez a uma teatralização vazia de sentido e autorreferente. Afirma Mircea Eliade que:

[...] ao passo que um homem moderno, embora considerando-se o resultado do curso da História Universal, não se sente obrigado a conhecê-la em sua totalidade, o homem das sociedades arcaicas é obrigado não somente a rememorar a história mítica de sua tribo, mas também a reatualizá-la periodicamente

em grande parte. É aqui que encontramos a diferença mais importante entre o homem das sociedades arcaicas e o homem moderno: a irreversibilidade dos acontecimentos que, para este último, é a nota característica da História, não constitui uma evidência para o primeiro⁴.

O homem moderno, deste modo, ao manifestar festivamente, pode não estar atento aos símbolos que performa nas ruas ou não estar plenamente consciente da mística e da memória que aquele rio em questão carrega. É necessário reconhecer que em várias civilizações ao longo da Terra, existem as figuras dos xamãs, pajés e líderes grupais cuja função primordial, dentro desta sociedade, é saber recitar corretamente a origem destes mitos, pois, apenas desta maneira, conhecendo-os, é possível atingir o patamar cósmico da ação simbólica, que opera no mundo profano as qualidades do mundo mítico: a cura de uma doença, a sacralização de um território, etc:

Ao recitar os mitos, reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, conseqüentemente, “contemporânea”, de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses ou dos Heróis. Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que, ao “viver” os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo “sagrado”, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável⁵.

Tanto a “Teologia da Libertação” quanto o “Catolicismo cósmico”⁶, estão em congruência com a leitura dos momentos históricos e dos ensinamentos do Messias católico, para lograr à população a Terra prometida e, a partir da ação concreta, no mundo profano, atingir a igualdade entre os homens e o desfrute de uma vivência pacífica. Neste ínterim, os mitos e a mística que configuram essa luta pela terra passam pela rememoração constante dos tempos iniciais

e da História primordial, além de guiar as ações que regem a manifestação grupal.

O que verifico, contudo, a partir das leituras efetuadas, é que não é possível determinar se, em alguma instância, nas manifestações de rua de 2013, houve um real envolvimento simbólico com o Mito,- que profere o ânimo através da rememoração de uma prática sagrada-, ou se as cirandas, as rodas de dança, a música e as bebidas com os amigos se tratam mais de uma teatralização simbólica de um ritual não compreendido, culminando num evento lúdico que, ao fim e ao cabo, é tão fútil quanto os demais. Neste caso, a segunda opção me parece a mais óbvia.

¹ Conf. MOSCOVICH, Marília. Está tudo tão estranho, e não é à toa. Disponível em: <https://medium.com/primavera-brasileira/esta-tudo-tao-estranho-e-nao-e-a-toa-dfa6bc73bd8a>.

² Conf. Nunes, Márcia Vidal. Teologia da Libertação, Mística e MST: O Papel da Comunicação Grupal
Libertadora na Organização Política do Movimento. Imprensa Universitária: Fortaleza, 2014.

³ Nunes, Márcia Vidal. Teologia da Libertação, Mística e MST: O Papel da Comunicação Grupal Libertadora na Organização Política do Movimento. Imprensa Universitária: Fortaleza, 2014. p.35.

⁴ ELIADE, Mircea. Mito e realidade. Perspectiva: São Paulo, 1972: 14.

⁵ Idem: 17.

⁶ CF. ELIADE, Mircea. Mito e realidade. Perspectiva: São Paulo, 1972.



Capitão-do-mato, 2017
Nelson Almeida
Vídeo, 1'37"

Nelson Almeida

1997. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Graduando em Artes Visuais pela EBA/UFRJ. Trabalha com a questão do corpo, o qual permeia entre o medo de estar presente e a vontade de holofote. A pressão da vitória, os problemas com instituições e a curiosidade do marginal imagético, estão inseridos numa categoria maior nessas relações, a negritude como necessidade, junto com o medo da limitação desse espaço.

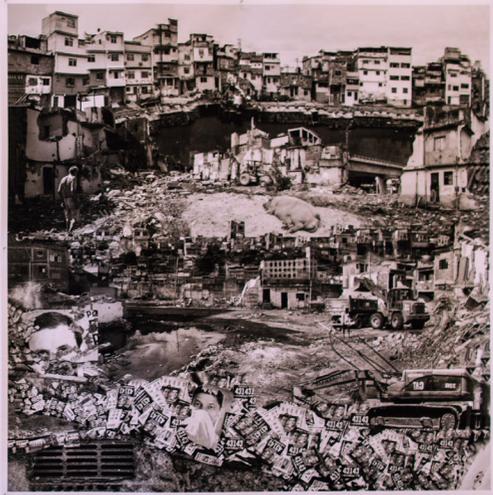
Cidade Cinza - São Paulo, 2014
Marina Florindo
Vídeo stop motion em looping

O que eu vejo, 2013
Marina Florindo
Lambe-lambe sobre suporte urbano
Fotografias de ação realizada em Belo Horizonte, 2013

Marina Florindo

1992. Nasceu na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo. Graduada em Artes Visuais com habilitação em Artes Gráficas pela EBA/UFMG. Atualmente vive e trabalha no Rio de Janeiro (RJ). Trabalha questões sobre poéticas urbanas e paisagens contemporâneas nas mais diversas linguagens, como fotografia, vídeo, pintura e intervenção urbana.





Com Fluxos / Contrafluxos, 2018
Luiz Baltar
Fotomontagem, impressão digital



Luiz Baltar

Formado em Gravura pela Escola de Belas Artes/UFRJ, em fotografia documental pela Escola de Fotógrafos Populares e pós graduando em Fotografia e Imagens pela UCAM. Em 2009, começa a fotografar o cotidiano, o processo de remoções forçadas e as ocupações militares em diversas comunidades e favelas do Rio de Janeiro. Os temas centrais de seus projetos autorais e documentações fotográficas são território, cultura e direito à cidade.

**Estima-se que 6 milhões de indígenas
habitavam o Brasil antes do "descobrimento"**

1500, 2016-2017
M.I.A
Vídeo, duração 5'29"

M.I.A

Massive Illegal Arts é o codinome do artista de rua paulista que realiza intervenções na cidade, em fachadas de bancos, concessionárias de carro de luxo, viadutos e muros em geral.



Contra toda organização – A condenação do Estado e dos partidos

Em Junho de 2013 o sentimento generalizado de ojeriza em relação aos partidos políticos, culminou em um movimento de revolta (e censura) durante as manifestações de Junho, principalmente em direção às bandeiras, que sempre flamularam nas manifestações de rua. A única que era permitida, era a bandeira verde-amarela-azul anil do Brasil, que se acreditava despertando (o gigante que despertava, talvez sofra de narcolepsia!).

Talvez, essa repulsa aos partidos políticos seja um sintoma de uma doença degenerativa, que veio atacando também grande parte dos sindicatos do país. Talvez, pela grande aderência de pessoas com crenças e ideologias políticas distintas, essa proibição tenha sido uma forma de manter a coerência das mobilizações, que tiraram tanto ativistas “profissionais”, quanto “cidadãos de bem” do conforto de seus lares. Antes fosse, apenas uma pulsão anarquista dos brasileiros.



Sem partido. Cartaz erguido no ato da Paulista rejeita partidos; petistas foram vaiados. - Agência O Globo / Michel Filho

Dos “20 centavos”, uma onda de reivindicações sem fim invadiu as manifestações volumosas daquele mês histórico. Se alguns ganhos

resultaram das manifestações (a passagem recuou; a PEC 37 não passou; Cabral hoje está preso; a chamada “cura gay” caiu em desuso), outros tantos gritos nunca foram ouvidos, e talvez nunca o serão (a Copa aconteceu, e junto com as Olimpíadas, acabou com as finanças do Estado do Rio; a passagem recuou, mas já aumentou novamente; a polícia continua militarizada e agora o exército está nas ruas do Rio; a violência tem aumentado ceifando vidas negras todos os dias – Marielle Presente!; a presidenta Dilma sofreu um impeachment e temos um governo golpista). As pautas eram muitas, mas essa diversidade causou uma confusão e um embaralhamento do que realmente estava em jogo.

Nessa grande massa de caos político, algumas novas organizações surgiram (já que as velhas estavam sendo colocadas em cheque). Dentre elas, destaco duas que me chamam particularmente a atenção – tanto por seu caráter antagônico, quanto por sua força midiática: Os Black Blocs e o MBL. Essas duas “organizações”, aparentemente desorganizadas, são um sintoma desse grande caldo político que entornou em Junho de 2013, deixando a sopa espalhada pelo chão. Se por um lado os Black Blocs trouxeram a veemência da ação direta, como um déjà vu de Maio de 68, por outro, eles também foram utilizados pela mídia(golpista) para justificar o uso do termo vândalos como forma de adjetivar os manifestantes, desqualificar aquele momento e aumentar a força da direita antidemocrática. Na outra extremidade, o MBL surge como um “movimento não governamental de ativismo político” - como eles mesmos se intitulam em seu site – inflamado pelo que há de mais bizarro e risível no pensamento neoliberal, que vê de maneira matizada algumas das práticas e ideais fascistas. Jovens, que validavam a questão geracional e que possuíam algum conhecimento do funcionamento das mídias velhas e novas, conseguiram seus minutos de fama.

por **Marcela Tavares**



Foto de Rui Barros. 2013

Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/denuncias/marcio-saraiva-sem-querer-black-bloc-ajuda-direita-antidemocratica.html>

“Se organizar direitinho, todo mundo transa!”, só que cada um gosta de transar de um jeito e entre passivos, ativos tem gente que pode ficar de fora disso. E, quase sempre, são os artistas que conseguem escapar desses binarismos e dessas frustradas tentativas de organização. Durante esse período e ainda hoje, o Artivismo¹ talvez tenha sido o locus mais potente de crítica às instituições. Quando todo mundo estava perdido buscando um protagonismo, os artivistas escancaravam as pautas mais importantes e quem eram os verdadeiros inimigos.

¹ “Artivismo é o nome dado a ações sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, que se valem de estratégias artísticas, estéticas ou simbólicas para amplificar, sensibilizar e problematizar, para a sociedade, causas e reivindicações sociais. O artivista encontra na arte um convite à participação, expressando através de inúmeras linguagens, como a arte de rua, o vídeo, a música, a performance e a intervenção, os seus pontos de vista e leituras sobre a vida e o mundo, problematizando sua

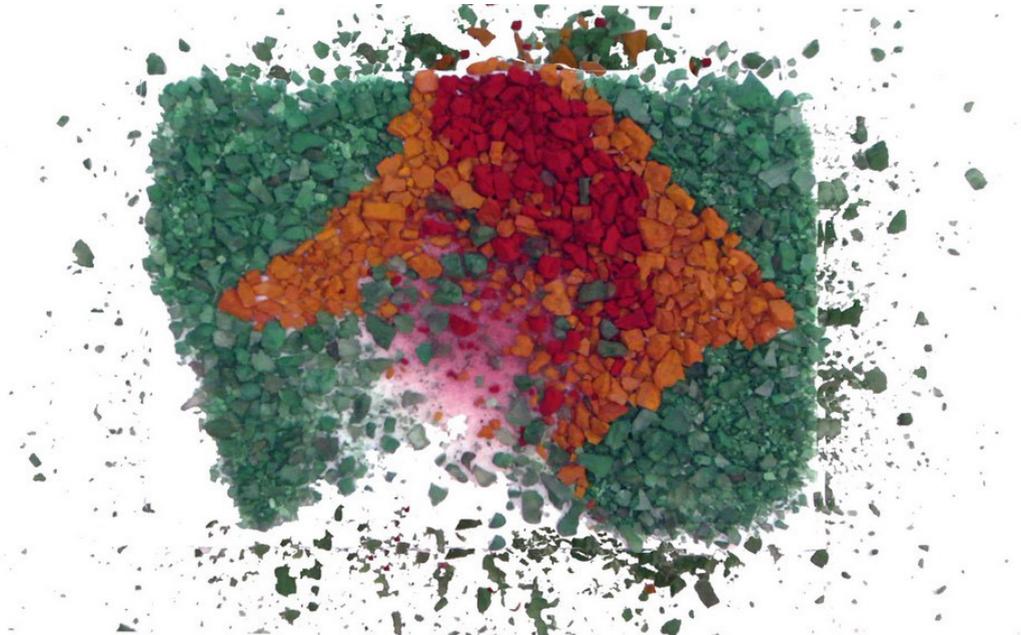
realidade.” In.:

Artivismo: criações estéticas para ações políticas. Artivismo: criações estéticas para ações políticas.

Publicado em 20 de janeiro de 2014.

Disponível em: [https://outraspalavras.net/blog/2014/01/20/artivismo-](https://outraspalavras.net/blog/2014/01/20/artivismo-criacoes-esteticas-para-acoes-politicas/)

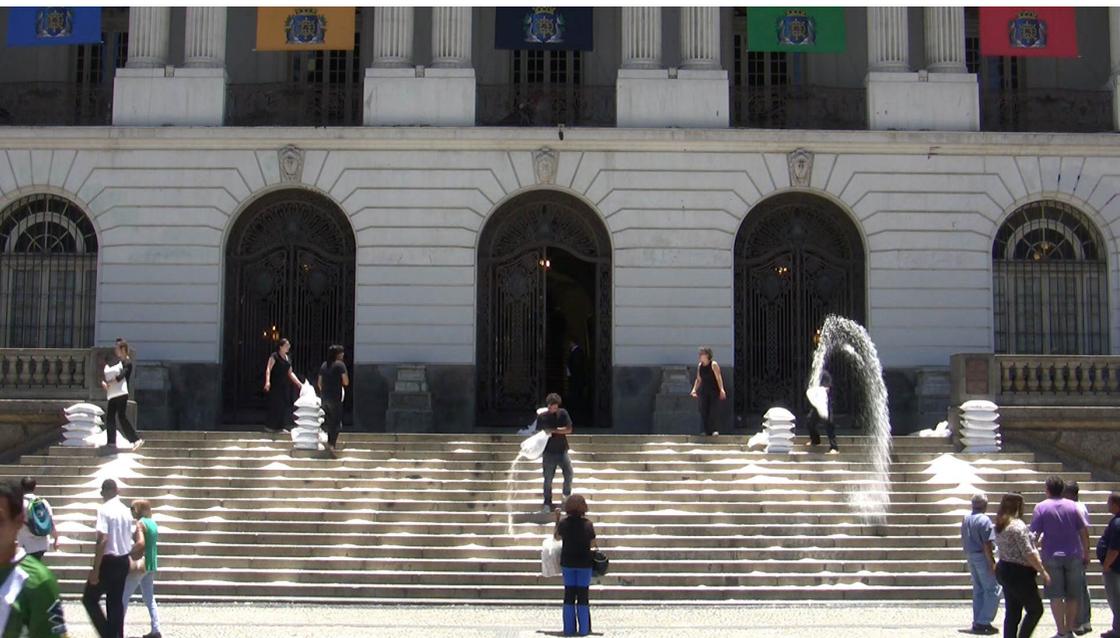
[criacoes-esteticas-para-acoes-politicas/](https://outraspalavras.net/blog/2014/01/20/artivismo-criacoes-esteticas-para-acoes-politicas/)



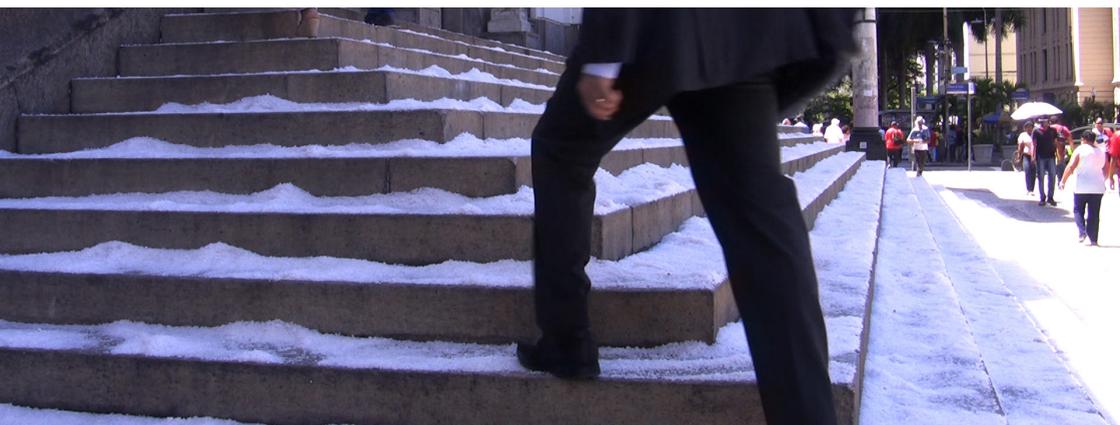
Cecilia Cipriano

Turbulência, 2017
Cecilia Cipriano
Vídeo, 3'00"

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Sua trajetória artística passou por uma carreira universitária como Professora e Pesquisadora do Instituto de Química da UFRJ. A aproximação mais efetiva com a arte se deu quando se tornou aluna do Curso de Artes Visuais/Escultura da EBA/UFRJ, e se estreitou através da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.



Apelo ao Sal, 2017
Cecilia Cipriano
Vídeo, 10'28"





Apelo ao Sal, 2017
Cecilia Cipriano
Vídeo, 10'28"



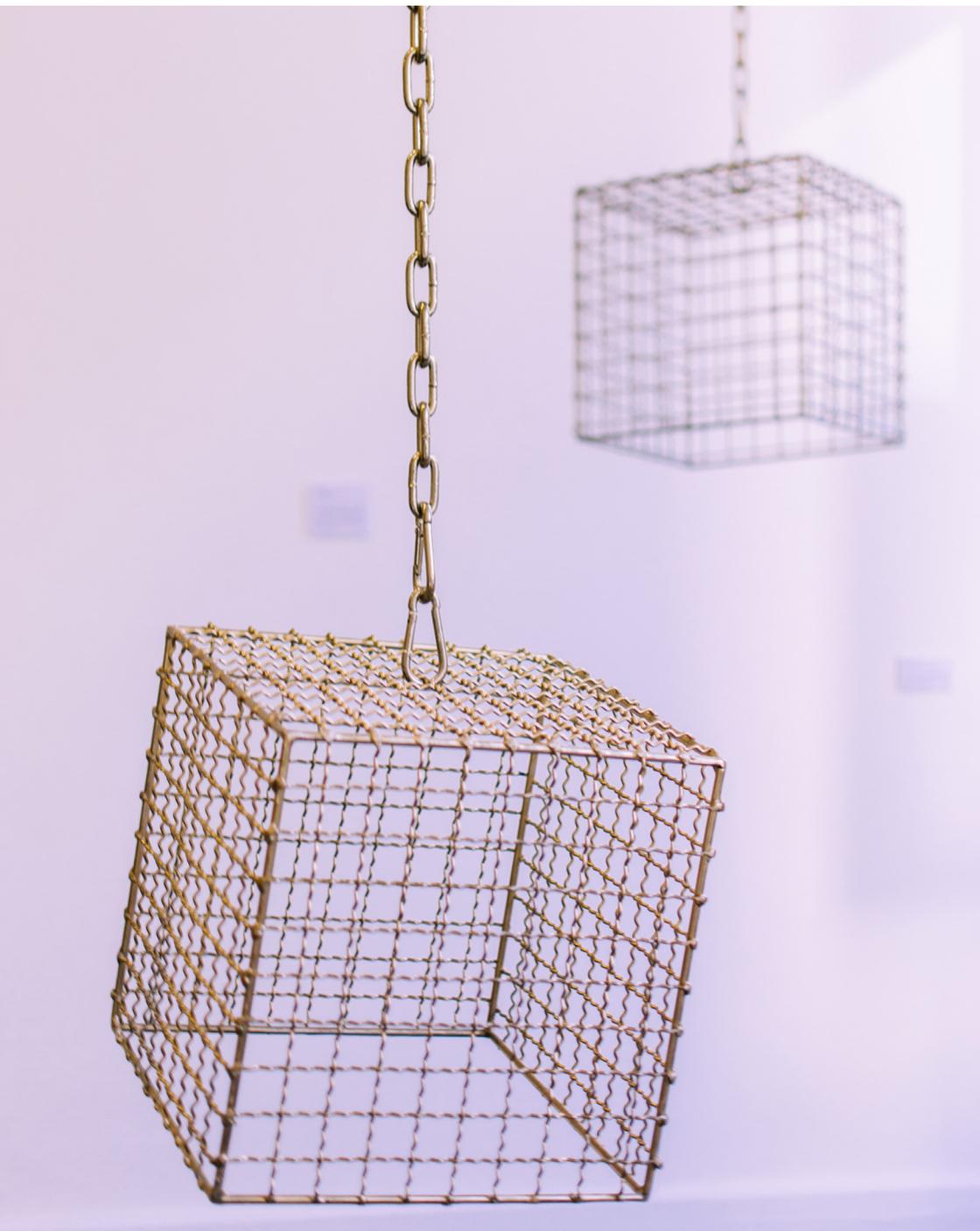


SYMBEBEKOS, 2002-2011
Juliana Notari
Vídeoperformance, 4'32"



Juliana Notari

1975. Nasceu em Recife (PE), vive e trabalha entre essa cidade, Rio de Janeiro (RJ) e Belém (PA). Artista, mestre e doutoranda em Artes Visuais pela UERJ. Trabalha com múltiplas linguagens visuais com abordagem multidisciplinar, dedicando-se nos últimos anos a performance, o vídeo e o cinema experimental. Participa de diversas mostras no Brasil e no exterior.





#murus, 2017

Jessica Kloosterman

Vídeo, duração: 12'12"

murus, 2017

Jessica Kloosterman

Objeto interativo, 30 x 30 x 30 cm

Jessica Kloosterman

1972. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual e pesquisadora. Formada em Desenho Industrial, hoje graduanda em Artes Visuais pela UFRJ e aluna do EAV do Parque Lage. Seus trabalhos tencionam fronteiras e limites ao mesmo tempo em que convida ao engajamento de todos os participantes na realização de suas ações performáticas.



Ivan Grilo

Tempos difíceis, 2015
Ivan Grilo
Fundição em bronze, 15 x 35 cm

Amanhã vai ser maior, 2016
Ivan Grilo
Fundição em bronze, 20 x 30 cm

1986. Nasceu em Itatiba (SP), onde vive e trabalha. Graduado em Artes Visuais pela PUC-Campinas. Em 2013 exibiu o projeto Estudo para medir forças na Casa França-Brasil, e também foi agraciado com o prêmio “PROAC Artes Visuais”. Grilo foi um dos três vencedores do “Prêmio FOCO Bradesco ArtRio 2016” e em 2012 recebeu o “Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia”.





Tempos difíceis, 2013
por
Marta Sá
Materia: latão, 20 x 10 cm

2013. Tempos difíceis, 2013, obra de arte e
objeto. Escul平ida em latão, com uma placa
de identificação. 20 x 10 cm. O projeto "Tempos
difíceis" é um projeto de arte e educação
que visa promover a reflexão e o diálogo
sobre a história e a cultura portuguesa.
O projeto é desenvolvido em parceria com
o Museu Nacional de Arte Antiga e o
Museu de Arte Contemporânea de Serralves.
O projeto é financiado pelo Estado Português
e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado
de São Paulo.



Tempos difíceis, 2013
por
Marta Sá
Materia: latão, 20 x 10 cm

2013. Tempos difíceis, 2013, obra de arte e
objeto. Escul平ida em latão, com uma placa
de identificação. 20 x 10 cm. O projeto "Tempos
difíceis" é um projeto de arte e educação
que visa promover a reflexão e o diálogo
sobre a história e a cultura portuguesa.
O projeto é desenvolvido em parceria com
o Museu Nacional de Arte Antiga e o
Museu de Arte Contemporânea de Serralves.
O projeto é financiado pelo Estado Português
e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado
de São Paulo.



Amar é, A Maré. Amarildo, multidão e arte - RJ 2013

Até meados deste ano de 2013, a cidade do Rio de Janeiro oferecia o palco mais perfeito para um show da representação. Vínhamos há algum tempo pesquisando a relação entre museificação da cultura e gentrificação da cidade baseada na recente inauguração do Museu de Arte do Rio, cereja do bolo do projeto de revitalização da zona portuária. E eis que, na inauguração do MAR em março, enquanto o Prefeito Eduardo Paes, o Governador Sérgio Cabral, a Ministra da Cultura Marta Suplicy e a Presidente da República Dilma Roussef se reuniam com a família Marinho, do lado de fora movimentos por moradia e movimentos culturais gritavam “O sertão não vai virar mar”, uma referência à resistência histórica de Canudos de onde vieram aqueles que, finda a guerra no século 19, povoaram o Morro da Providência logo ali na zona portuária do Rio de Janeiro. Éramos muito poucos do lado de fora. “Tá tudo dominado?” perguntávamo-nos. A história parecia se repetir mas, inesperadamente, em pleno mês de junho, ela começou a se contorcer... Pensamos o movimento atual como fruto de uma constituição multitudinária ao longo dos governos Lula. Vemos, no movimento atual, a monstruosa expressão dessa constituição. E, dessa perspectiva, trazemos uma contribuição para pensar arte na sua dinâmica constituinte nas lutas das ruas e das redes.

Uma constituição multitudinária e sua monstruosa expressão

Recorremos então ao conceito de Multidão e também ao de monstro que se apresentam então como duas ferramentas importantes para tentar dar conta das transformações no Brasil nos últimos anos e das manifestações dos últimos dias. Nos últimos anos, ouvimos falar de classe C pra cá, classe C pra lá. Estouram os protestos e começamos a ouvir multidão pra cá, multidão pra lá. O mesmo acontece com o termo monstro. A difusão dos termos talvez indique sua pertinência com relação aos fatos. O termo multidão foi durante séculos associado

a grupos não controláveis. Incontrolável, “multidão” se distinguiu de “povo” e de “massas”. Antonio Negri nos apresenta o conceito por pelo menos três perspectivas distintas mas complementares: pelo viés sociológico, ele analisa a transformação de economias baseadas no trabalho disciplinar na fábrica em economias baseadas em redes sociais e tecnológicas difusas nas metrópoles e a própria forma do trabalho sempre mais predominantemente imaterial. Dessa percepção, decorria o segundo viés, que é político: novas formas produtivas demandam novas formas políticas. Se o trabalho na fábrica gerou o sindicato e os partidos dos trabalhadores, as novas associações produtivas nas metrópoles demandam novas organizações políticas. Talvez seja esse descompasso entre as atuais potentes formas de produção (novas formas de se relacionar, de colaborar, de cocriar, em suma de produzir) e velhas formas de política que gera o que se chama “crise da representação”. Em terceiro lugar, o viés ontológico: “o que é a multidão?” À diferença das classes sociais – velhas ou novas classes médias no caso do Brasil – se definem por dados e estatísticas a priori, a multidão se constitui e se define nas lutas. A abordagem sociológica e economicista em termos de classe C é importante no sentido que reconhece a transformação econômica da sociedade brasileira com os governos Lula por meio do aumento do salário mínimo e da distribuição de renda e, portanto, do acesso ao crédito e ao consumo, mas se revela insuficiente ao não considerar que ela fomentou outros desejos: desejos de se formar e se informar, se expressar, comunicar, circular, exercer sua cidadania. Em suma, de afirmar a biopolítica como potência da vida. A estagnação e mesmo retrocesso nos campos da cultura e da comunicação no Brasil são alguns dos sintomas do acomodamento por parte de governantes com resultados de eleição e pesquisas de opinião e, ao mesmo tempo, o uso da arte, da cultura e da criatividade como

por Barbara Szaniecki

biopoder. Apesar das imensas dificuldades encontradas em nossas metrópoles em termos de moradia, de transporte, de lazer

e de tudo, a multidão é superprodutiva, hiperinformada, ultraconectada e cheia de opinião. Se “multidão” parece se adequar aos sujeitos que promoveram e foram promovidos junto com as transformações no Brasil dos últimos anos, “monstro” tal como o conceitua Negri se encaixa como uma luva para abordar as subjetividades atuantes nas manifestações dos últimos dias.

O processo constituinte do monstro em dois momentos não são necessariamente subsequentes. Num primeiro momento, é possível associar monstro a um “corpo sem órgãos” (Deleuze e Guattari) ou seja corpo q não tem estrutura definida e não tem funções orgânicas determinadas. É apenas uma intensidade, mas não necessariamente uma intenção. Isto não significa que ele seja um estágio anterior à multidão – uma pré-multidão – que, por sua vez, seria um estágio anterior à formação das classes sociais ou formatação dos corpos institucionais. O monstro não é um estágio pré ou pós qualquer coisa, o monstro está sempre aí, à espreita. Em um segundo momento, é possível associar monstro ao General Intellect (Marx). General Intellect é a inteligência produtiva e politizada que põe em evidência obras como fruto de processos mais coletivos que, contudo, não eliminam as singularidades presentes. O monstro é sublime, talvez, mas indica sobretudo um outro sublime. Nem belo nem feio, nem bom nem mau, nem verdadeiro nem falso, ele desconfigura nossas certezas estéticas e políticas e, nesse movimento, promove simultaneamente angústia e alegria. O monstro é a face mais politizada da multidão superprodutiva, hiperinformada, ultraconectada e cheia de opinião. E não tem nada de autoritário, muito pelo contrário, é um terreno de experimentação e de inovação – estético e político – fundamentalmente

democrático. O “monstro” é a verdadeira democracia: aquela na qual formas e conteúdos, princípios e processos, meios e fins são indissociáveis. Não está tudo dominado, está tudo em aberto. O monstro é essa abertura radical.

Rio de Janeiro 2013: de Banco Imobiliário à metrópole multitudinária

Em suma, “multidão” e “monstro” indicam outras possíveis conexões entre corpo e mente, entre indivíduo e sociedade, entre fazer e poder. Como apreender essas possibilidades? Como se configura uma estética do monstro ou uma arte multitudinária e como ela indicaria novas formas sociais e políticas potentes para além das tradicionais que se mostram insuficientes? A carnavalização é visível nas manifestações: máscaras, fantasias, performances, cartazes, faixas, falas, brincadeiras e palavras são dirigidos aos políticos e empresários. Tudo isso remete ao carnaval, mas não ao carnaval oficial aquele espetacularizado com grandes marcas e discursos de consumo, de propriedade, de verdade, e sim a carnavalização da multidão com processos micro mas bem articulados, processos de baixo pra cima, subversão ou abertura dos poderes e saberes constituídos processos de relativização da verdade única e absoluta e constituição de outras verdades. Para além da carnavalização, também é visível uma estética de ocupação do espaço urbano. A prática de Ocupas, embora pontuais, têm proliferado. Desde o OccupyWallStreet, tivemos Ocupa Cinelândia, Ocupa Méier, Ocupa dos Povos, a Cúpula dos Povos e a Copula dos Povos. Agora o fenômeno retoma com OcupaCabral, OcupaPaes, OcupaCâmara. E é preciso lembrar de outras ocupações. O Rio tem várias ocupações de prédios públicos abandonados. E o Rio de Janeiro tem também um tipo de ocupações históricas que são seus assentamentos informais ou favelas muitas vezes tidas como monstruosas em sentido pejorativo. Desqualificadas, elas sofrem ameaça

de remoção. Favelas e ocupações existem por afirmação de outros modo de vida, de estar na cidade, de uma outra cidade. Pensamos em abertura radical com base na possível interrupção das remoção em curso, algumas delas ainda por confirmar: Vila Autódromo, Indiana, Providência... Horto. A expressão dessa possibilidade se deu recentemente quando movimentos sociais realizaram uma ocupação cultural em frente à residência do Prefeito do Rio: além das faixas e cartazes, projetaram SMH 171 no muro exatamente como a Secretaria Municipal de Habitação vem marcando as casas a serem derrubadas nas comunidades cariocas. Carnavalização e ocupação da multidão. Amar é a Maré Amarildo: multidão conectada e comum.

Essa subversão carnalizada do Banco Imobiliário em metrópole multitudinária foi possível por meio de uma forte conexão que já vinha há tempos acontecendo na cidade mas que ganhou intensidade no movimento. Uma conexão que, inspirada na imagem do Coletivo Projeção chamada Amar é a Maré Amarildo, provocou uma infinidade de outras expressões. Uma maré de formas expressivas que atravessou a polis real e virtual manifestando sua dor pela chacina de jovens na Maré até o desaparecimento de Amarildo na Rocinha. Sabemos que a violência que reprime no asfalto não se equivale à violência que atinge o morro, mas da onda de violência nasceu uma maré de amor: a Maré Amarildo é uma outra maneira de dizer aos poderes que governam nossa cidade que somos todos Amarildos. Uma conexão biopolítica em diversas linguagens: projeções, cartazes, campanhas, quadrinhos humor, poesia concreta, intervenção urbana, performance, etc. Estaria a multidão fazendo arte?

Voltamos à cena original – aquela que deu origem ao nosso artigo: o MAR, Museu de Arte do Rio. Menos de 6 meses depois de sua inauguração, manifestantes foram até o

museu na expectativa de lá encontrar Paes e Cabral mas não os encontraram. O clima entre manifestantes e a polícia era de tensão. Com um megafone na mão, o curador do museu Paulo Herkenhoff chegou a oferecer mediação e a se agarrar a um manifestante índio para que não fosse levado preso pela polícia. Segundo um relato no facebook, parece que em certo momento Herkenhoff disse aos manifestantes que suas máscaras e seus atos lhe davam medo. “Mas por que? isto é uma performance!”, disseram eles. Herkenhoff não respondeu mas sorriu. Ficamos sem saber o que ele pensa da estética das manifestações: se concorda que é performance ou, mais em geral, arte; se seus autores são vândalos ou V-Artistas. Dificilmente saberemos. Num texto chamado “Metamorfoses: arte e trabalho imaterial”, Negri traça pontes entre as formas de trabalho e as formas de arte na história visto que atividade artística sempre existiu e variou dentro de modos específicos de produção. Ora o que caracterizaria, na contemporaneidade o trabalho e a arte biopolítica, afirmação da potência da vida? Negri considera que o trabalho biopolítico é um happening multitudinário que se abre ao comum. Mais do que “arte” no sentido que o campo legitimado atribui ao termo com suas categorias, o que Negri parece procurar apreender é o “artístico” do trabalho contemporâneo. Mas não deixa de refletir sobre um estilo artístico atravessado pela ética. Este exigiria, numa primeira etapa, um mergulho no movimento infinito dos corpos e dos eventos que nos circundam; numa segunda etapa, reflexiva, a imersão anterior da singularidade na multiplicidade do enxame encontra o amor – força que se forma no encontro do conatus e da cupiditas. E finalmente, numa terceira etapa, sempre tendo em vista a homologia entre a natureza operativa do imaterial (cognitivo, cultural, criativo, afetivo) e a formação dos enxames, o comum que se desenvolveu em formas artísticas deve agora ser encarnado

numa decisão coletiva. O sublime aqui, sempre segundo Negri, é o agir ético na constituição de um telos multitudinário.

A Maré Amarildo que se configurou nos últimos meses numa multiplicidade de linguagens nas redes e nas ruas é o “artístico” do trabalho biopolítico na metrópole carioca que, diante dos paradoxos e perigos do momento, deve dar sentido ético às nossas decisões coletivas e à nossa vida comum. Essa arte da multidão, para os dias por vir, consistirá em manter esta conexão ativa, ligada, intensa.

Participação não celebrativa de 2013

Há uma semana da abertura desta exposição, recebi um convite da curadora Daniele Machado, para integrar o projeto com alguma obra feita por mim, já existente. Não haveria remuneração pela minha participação, porque o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica está operando quase sem recursos e sem patrocínio. Hesitei um pouco sobre como responder a esse convite, até que decidi escrever esta carta.

Ando um pouco incomodada com as celebrações em torno de 2013. Mesmo que se tratem de revisões críticas e não necessariamente comemorativas, parece existir, para alguns grupos de esquerda, a necessidade de marcar os cinco anos daquele momento histórico, quando o nosso presente mereceria, na minha opinião, uma maior atenção.

Também me incomodam uma série de equívocos nas narrativas sobre 2013, feitas por pessoas que não viveram essa experiência diretamente, ou ao menos não a viveram desde seu início. Devo deixar claro que sou paulistana e que escrevo desde a experiência de junho na cidade de São Paulo, que foi muito diferente dos acontecimentos em outras cidades, porque em São Paulo havia um movimento organizado planejando os protestos. O Movimento Passe Livre (MPL) planejou, por exemplo, a cena que viraria capa do jornal Folha de S. Paulo em 7 de junho, em fotografia de Nelson Antoine: a avenida 23 de maio bloqueada por catracas pegando fogo e muitos corpos, carros parados, prefeitura à direita (indiretamente sobre as chamas das catracas) e, ao fundo, o bandeirão SE A TARIFA NÃO BAIXAR SÃO PAULO VAI PARAR. Quem achou que tudo foi um acontecimento espontâneo é porque desconhece o trabalho que dá imaginar e realizar essas coisas. Não houve ensaio ou direção e a maioria de nós éramos desavisados, protestando contra o aumento da tarifa e, aos poucos, outros grupos foram se auto-organizando/realizando

ações por conta própria. Mas havia, na base de tudo, muita organização.

A única coisa que não partiu apenas do trabalho educativo do movimento, durante seus então oito anos de existência, em escolas e comunidades, mas que é mérito do próprio aumento na tarifa, foi a quantidade enorme de pessoas presentes já no primeiro grande ato central. Desde a fundação do movimento, dizíamos que, a cada aumento, aumentava também a exclusão social. E o que testemunhamos, ano após ano, foi um aumento progressivo das manifestações de rua. Por isso também é errada a narrativa de que a coisa só ficou grande após a quinta-feira 13 de junho. Quem afirma isso muito provavelmente não estava nas ruas nos atos anteriores. A partir daquela noite, caracterizada por muita repressão policial, as manifestações tiveram apoio da imprensa hegemônica e se multiplicaram por todo o Brasil e, em São Paulo, ficaram maiores e mais espalhadas, até mesmo seguindo diferentes trajetos/ruas/direções simultaneamente. Mas isso não significa que fossem pequenas até então. Finalmente, considero equivocada afirmar que, em São Paulo, as pautas eram difusas. Não eram. Mesmo no ato do dia 17, que incluiu muitas pessoas afirmando que não estavam ali apenas por 20 centavos, a ênfase ainda era a revogação do aumento da tarifa, ou os 20 centavos. Somente no dia 20 de junho, que seria o ato de comemoração da nossa vitória, anunciada no dia 19, o MPL perdeu o controle. Ainda lembro da alegria de ver um monte de gente gritando por tarifa zero nesse ato, mas também da tristeza – do horror – de presenciar companheiras e companheiros do MST serem escorraçadas/os por pessoas truculentas de direita e qualquer pessoa vestindo vermelho ser agredida verbalmente por uns playboys de alguma faculdade da região da Paulista. O apartidarismo – não antipartidarismo –, que caracteriza o movimento, foi convertido por oportunistas em antipetismo.

por Graziela Kunsch

A gravidade do nosso momento atual começou a ganhar forma em 2013, mas isso é culpa unicamente da pior elite brasileira, junto da empresa que monopoliza todos os meios de comunicação. Discordo radicalmente da narrativa de alguns setores petistas sobre 2013, que culpam o MPL pelo início do processo de golpe que ainda estamos vivendo; e discordo da narrativa de alguns setores de movimentos autônomos e de outros grupos de esquerda, que colocam a culpa do golpe nas políticas antipopulares do governo Dilma. Havia sim medidas antipopulares: a ocupação militar de favelas do Rio de Janeiro, a ocupação militar do Haiti, a criação da “lei anti-terror”, os investimentos/desvios absurdos na Copa/nos ginásios padrão FIFA, toda repressão durante a Copa, o benefício a empreiteiras no programa Minha Casa Minha Vida, a expulsão de populações indígenas e ribeirinhas para construção da hidrelétrica de Belo Monte, entre outras. Mas não foi por isso que Dilma ou o PT foram atacados, por quem vestia verde-e-amarelo. Também não foi por corrupção, ainda que essa tenha sido a principal justificativa pública. O que incomodou quem comandou os processos que levaram ao golpe foram as políticas de bem-estar social do partido. E os acontecimentos de junho, ao colocar no horizonte a tarifa zero no transporte público, apontaram em uma direção antimerchantil. Ao reivindicar mais investimento social, a pressão desde a esquerda apontou na direção de conter o mercado. Aí está a única possibilidade de leitura crítica do papel do MPL: o fato de termos ativado, no sentido oposto, energias destinadas a desfazer – via congelamento do gasto público, terceirização e reforma trabalhista – os avanços obtidos na década lulista.

Até pouco tempo, sempre fiz questão de pontuar as conquistas à esquerda de junho de 2013, como resposta a quem afirma que “2013 não deu em nada” ou a quem coloca em 2013 toda a culpa sobre a ascensão fascista.

Tarifas de transporte foram reduzidas em aproximadamente 200 cidades brasileiras, o que faz uma diferença brutal na vida cotidiana da população. Em Maricá, cidade com mais de 100 mil habitantes, o sistema de transporte público passou a ser tarifa zero. Aqui em São Paulo, o então prefeito Fernando Haddad se viu obrigado a dar uma série de respostas às ruas, tendo a principal delas sido o passe “livre” estudantil (“livre” entre aspas, por ainda ser restrito ao trajeto casa-escola e ter número de viagens limitado).

Também sempre fiz questão de pontuar os desdobramentos à esquerda de junho de 2013, sendo o mais emocionante – novamente falando desde São Paulo e desde a minha própria vivência – a ocupação de escolas por estudantes secundaristas, no final de 2015. Essas ocupações foram comemoradas inclusive pelos mesmos indivíduos petistas que atacam o MPL, que desconhecem (ou ignoram) a participação de diversas/os militantes do movimento nesse processo.

Hoje, sou mais cuidadosa ao falar sobre 2013. A história está sempre em movimento e o nosso contexto atual é extremamente preocupante. Foi por isso que, antes de começar a redação desta carta, pedi para a Daniele que, na lista de artistas/ativistas/etc. da exposição, junto de meu nome viesse uma inscrição:

participação não celebrativa de 2013

Não tenho, hoje, nada a comemorar. Aqui em São Paulo irá acontecer outra exposição em torno de junho, chamada “Junho sendo”. Organizada por pessoas do MPL ou próximas ao movimento. Até colaborei um pouco no projeto, enviando um arquivo de panfletos e outros materiais da minha época de militância e o vídeo que me pediram, um excerto de A.N.T.I. cinema da manifestação de um ano da revogação do aumento da tarifa em 2013, ocorrida em 19/6/2014. Mas ainda que junho tenha tido momentos maravilhosos e desdobramentos igualmente intensos, esse

junho não é mais. O golpe sim, “está sendo”.

Testemunhar a destruição do Partido dos Trabalhadores é testemunhar também a destruição de uma série de políticas públicas, conquistadas com lutas de décadas. Engana-se quem pensa que o golpe foi apenas contra uma presidenta ou contra um partido. O golpe é contra toda a população, principalmente contra a população mais pobre. Era preciso frear o processo de maior qualificação de trabalhadoras/es, do contrário seria cada vez mais difícil explorá-las/os.

Sou professora em uma das universidades federais criadas no governo Lula, em um bairro periférico da cidade de Guarulhos, com diversas/os estudantes negras/os nas salas de aula. Os cortes promovidos pelo governo Temer, que até aqui reverberam principalmente nas bolsas de permanência estudantil (as que garantem moradia, alimentação e transporte de quem sem esse tipo de auxílio não poderia estudar), já estão provocando evasão escolar. As favelas do Rio, que já haviam sofrido intervenções em governos petistas, durante o golpe vivem esse processo de maneira acentuada, como afirmava Marielle Franco, antes de ser assassinada (ver por exemplo seu texto “A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada”).

Quem estiver participando desta exposição ou lendo esta carta até aqui, poderá elencar outras tantas retiradas de direitos em andamento ou já consolidadas. E refletir sobre a falta de reação contrária a essa retirada de direitos pelas classes populares, por anos submetidas à despolitização, pelo próprio PT, que deixou de realizar as ações que caracterizaram o surgimento do partido.

Mas, reforço, caso não tenha ficado claro até aqui, que a minha posição não é antipetista.

Devemos reconhecer as boas políticas do lulismo – bolsa-família, PEC das domésticas, novas universidades federais, cotas nas universidades, pontos de cultura, editais de cultura, ensino da história e cultura afrodescendente e indígena, comissões da verdade e políticas de reparação da violência do Estado, reforma psiquiátrica, reforma agrária (ainda que insuficiente), entre outras –, e saber diferenciar certos governos de outros. Não é tudo a mesma coisa.

Sobre como proceder daqui em diante, para além de junho de 2013 e para além dos cinco anos depois de junho de 2013, somente cada uma/cada um pode saber.

Da minha parte, além de atuar como educadora e de vez em outra escrever textos como este, estou engajada desde 2016 na Clínica Pública de Psicanálise, onde damos escuta a pessoas que estão precisando falar, por motivos diversos, entre eles racismo estrutural, machismo, misoginia e as diversas violências cometidas pelo Estado e pelo mercado. Uma proposição artística, ainda que vá levar muito tempo para que seja reconhecida como tal.

Acho que era isso que eu tinha a dizer, ou ao menos o que consegui produzir, em poucas horas (a própria duração da abertura da exposição). Queria ter dedicado algumas linhas à defesa de Rafael Braga, preso desde 2013, mas espero que outros trabalhos da exposição façam isso com a dignidade que ele merece. Também desejo solidariedade a Lula. Apesar de ele achar que junho ou o MPL foram arquitetados pela CIA, ainda é o meu candidato à presidência.

Que lembrar a intensidade daqueles dias nos firme no tempo presente, na vida cotidiana, porque é só no agora – nem no passado nem no futuro – que podemos agir.

Qual o teu lado? - série Crônicas Suburbanas

por Philippe Valentim

Postado em: 21/12/2017

Qual o teu lado?

Não! Não tô falando de esquerda x direita, segura o frenesi nesse fosquete aí!

Tô falando de Subúrbio! Porra!

É caraio, é subúrbio! Se liga só jovem: bairro depois da central tem lado!

Sempre vai ter: trem, BRT, metrô, linha amarela, linha vermelha dividindo.

Tem o lado bom e o ruim, mas tu sempre mora no lado bom. Tá lá na bíblia,

Malafaias leu na tv e os caralho.

- “ Não vós importeis com o lado em que habitas, este sempre será o ladobom”;

1 Carta aos Suburbanos, cap.5; vers.171

Foi? Já é?

Mas tu deve tá pensando:

Tijuca é Subúrbio? Certo! Tá aprendendo (palmas pra ocê!)

Não tem trem e o metrô é escondido(palmas do novo);

Mas se liga na malandragem de Deus, vovó já dizia: Se Papai do céu fez

diferente é pra não perder de vista, não deve valer muita coisa.

(Ok, a vovó falava isso de um aleijadinho, cês não vão pedir que uma mulher

que nasceu antes do Vargas ser presidente, ser politicamente correta, né?)

Voltemos ao lado!

Mermão não importa teu bairro, tu sempre vai defender o seu lado!

Dane-se se ele é uma merda e teu sonho é morar no Meião ou em JPA; tu vai

defender teu bairro igual dona Jurema defende o filho que se envolveu sem querer.

Na atividade bróder, enalteça os bagulho bom do teu lado. Fala daquele Açai

boladão! Do X-tudo do Pará, daquela menina que foi dançarina do Faustão nos

anos 90...

Te vira! Tu nasceu Suburbano, tem que ser desenrolado. Teu lado tem que ser

tão foda,mas tão foda, que a Adriana Anselmo vai querer dar o Ap. dela no

Leblon e ir morar aí, se ligou?

Neguim! Não interessa se tem assalto, essa porra aqui é RJ, assalto é mato!

Tá chegando o carnaval, tu vai brotar na ZS, vai pro desenrolado que eu tô ciente!

Aí vai falar onde mora!

Não adianta dizer que mora ali... Mete logo: moro em Ramos, mas

do ladobom!

Fodaci se não é!

Tu acha mermo que a: Helena ou o Benício conhecem Ramos?

Dá teu melhor papo, fala das maravilhas do teu lado e parte pro abraço!

Só pra finalizar sou cria de Marechal e sim morei do melhor lado.

DES<IO